PLACAR
SCORE Editora
ED. 1497 MARÇO 2023 R$ 15,00
7 893614 112657
DE R$ 25,00 POR:
R$ 15,00
POR TEMPO LIMITADO
CHOREM, ARGENTINOS!
PELÉ É O MAIOR JOGADOR DE FUTEBOL DE TODOS OS TEMPOS, E FIM DE PAPO — O RESTO É BARULHO
O FUTURO É HOJE
UM COLEGIADO DE 50 CRAQUES DA IMPRENSA ESCALOU A SELEÇÃO PARA A COPA DO MUNDO DE 2026
EXCLUSIVO
ELE NÃO MORDE
AOS 36 ANOS, MADURO E AFÁVEL, LUIS SUÁREZ ABRE O JOGO COMO NUNCA ANTES E GARANTE: VEIO PARA FAZER HISTÓRIA NO GRÊMIO
O uruguaio com o tradicional gesto de comemoração em homenagem à família
mrjack.bet
umbro
Banrisul

UM BOM PROBLEMA

A edição de PLACAR que você tem em mãos ficou especialmente caprichada, com um leque de temas variados e de interesse a todos os gostos e torcidas. Um dos modos de medir a riqueza de uma revista é a saudável briga pela capa. O mês começou com destaque para a reportagem em torno das carreiras de Pelé, Messi e Maradona — o mais completo levantamento de títulos e gols do trio, que só nós sabemos fazer. A conclusão — e é ela que tinha posto o assunto na ribalta — é que não tem para ninguém, o melhor de todos os tempos é Pelé e não se fala mais nisso. Sim, a estatística de Messi é avassaladora e o título no Catar o fez subir na escada que vai dar no olimpo. Mas só Pelé tem três Copas do Mundo e só ele provocaria a comoção mundial que provocou, ao morrer, em 29 de dezembro do ano passado. Os argentinos que se entendam, agora, na contenda entre os dois canhotos. Há entre eles um embate vivíssimo, ainda que Messi pareça ter deixado El Diez para trás. Do ponto de vista de PLACAR fica decretado: o topo é do Rei. Para ilustrar essa história, con-

ARQUIVO PESSOAL

Klaus Richmond, Luiz Felipe Castro e Battibugli com Luis Suárez: golaço

ILUSTRAÇÃO DE OBERDAN MACHADO

O desenho de Oberdan que seria capa de PLACAR, mas não foi: elogio visual ao Rei

vidamos um craque, o desenhista Oberdan Machado. A capa ficaria linda, como se vê aqui ao lado.

Mas, e como sempre há um mas... entrou em jogo uma outra belíssima ideia, a escolha da seleção brasileira de 2026 a partir do voto de um luxuoso elenco de cinquenta jornalistas. E se pedíssemos para o Oberdan pôr no papel o onze selecionado? Dito e feito. Ficou tão bom, e tão divertido, que logo imaginamos fazer da matéria o porta-estandarte da PLACAR deste mês. As listas são fascinantes e tentar imaginar quem vestirá a canarinho na Copa de 2026, ainda mais *(vá até a pág. 18 para descobrir)*. Tínhamos, portanto, uma nova capa — o elogio a Pelé ficaria como nobilíssimo destaque. E, então, aos 45 do segundo tempo, o repórter Klaus Richmond teve a confirmação do encontro que havia bom tempo ele tentava confirmar: Luis Suárez, o Luisito do Grêmio, daria uma entrevista em Porto Alegre — a primeira exclusiva desde que chegou ao Brasil — com direito a sessão de fotos. Golaço! E Suárez é quem decidimos iluminar — por ser um nomaço, por ser exclusivo, por estar na boca do povo. Que bom ter um problema desse tamanho, o dilema entre três pepitas de ouro.

***

A PLACAR deste mês é a primeira gerida pela Editora Score, em novo e fundamental capítulo da mais longeva revista de futebol do Brasil. A qualidade será a mesma de sempre, de rigor e informações inigualáveis, e com um belo salto — a expansão da marca nas redes sociais, sobretudo na PLACAR TV, acessível pelo YouTube. Sigamos juntos! ■

revistaplacar

@placartv

@placar

placar.com.br

contato@placar.com.br

CAPA: FOTO DE ALEXANDRE BATTIBUGLI

ÍNDICE

2026 Endrick, do Palmeiras, já vendido para o Real Madrid: nome certo para a seleção daqui a três anos?

FLASH/BE PHOTO

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e editada e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

Equipe Score:
CEO: Gustavo Leme
Editor: Luiz Felipe Castro
Mídias Sociais: Bruna Linhan, Bruno de Giovanni e Gabriel Candido

Equipe Abril:
Redator-chefe: Fábio Altman
Repórter: Leandro Miranda
Estagiária: Maria Fernanda Souza
Checadora: Andressa Tobita
Editor de Arte: Daniel Marucci
Designers: Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvart Leite e Eric Cavasani Vechi (estagiário)
Fotografia: Editor: Alexandre Reche
Pesquisadora: Iara Silvia Brezeguello Rodrigues
Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão: Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko
Revisoras: Rosana Tanus, Valquiria Della Pozza
Supervisor de Preparação Digital: Edval Moreira Vilas Boas
Colaboraram com esta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidney Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Thiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc), Kaio Figueiredo (pesquisa de fotos), Gabriel Grossi (edição de texto), Klaus Richmond, Enrico Benevenutti e Guilherme Azevedo (texto)
www.placar.com.br

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1497 (789 3614 11261 9), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante:
minhaabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200 Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Para assinar:
www.assineabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200 Telefone: SAC (11) 3584-9200
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br
Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote pelo e-mail: assinaturacorporativa@abril.com.br

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

UM FUTURO PROMISSOR E SORRIDENTE

Depois do fracasso na Copa do Catar, em um período de incertezas, nada melhor do que o título sul-americano da **seleção sub-20.** A taça foi erguida na Colômbia após um jejum de doze anos no torneio. É alvissareiro. Dois nomes se destacaram e fazem sorrir: Vitor Roque, de 17 anos, o artilheiro nato do Athletico-PR, autor de seis gols em oito jogos, e o volante goleador Andrey Santos, 18 anos, revelação do Vasco vendido para o Chelsea, também com seis bolas na rede. Vem coisa muito boa aí.

RAFAEL RIBEIRO/CBF

O ALVINEGRO É FEMININO

Para esquentar o ano, nada como inaugurar 2023 com a Supercopa feminina — campeonato com apenas oito times de oito estados. E, como de costume, deu **Corinthians,** ao vencer o Flamengo por 4 a 1 em Itaquera. Para as brabas alvinegras, foi só alegria, mas convém olhar com atenção para os próximos anos. O futebol de mulheres precisa ainda de apoio. Hoje é obrigatório aos clubes da Série A terem o time feminino. Será obrigatório também nas Séries B e C. A meta da CBF, em 2027, é incluir a Série D no rol.

RODRIGO GAZZANEL/AG. CORINTHIANS

LUISITO PAZ E AMOR

O astro uruguaio do Grêmio reflete sobre confusões do passado e revela como a família e a ajuda profissional forjaram sua nova faceta

Klaus Richmond e **Luiz Felipe Castro,** de Porto Alegre

Suárez, no CT gremista: ares de Montevidéu em Porto Alegre

Em 2014, durante a Copa realizada no Brasil, o mundo da bola já o reverenciava como Luisito — o apelido carinhoso e infantil colado ao risonho craque, um dos sete filhos de uma família simples de Salto, no Uruguai, na fronteira com a Argentina —, quando foi preciso dar uma parada para compreender a si próprio. Foi como se o adulto tivesse de reencontrar o menino que nascera com o dom para o futebol de modo a entender o que a vida lhe aprontara. Temido por zagueiros e cobiçado no mercado internacional como um dos atacantes de maior capacidade para fazer gols, Luis Alberto Suárez Díaz, eis o nome de batismo da fera, vivia atormentado por uma série de episódios polêmicos dos quais evitava falar. A gota d'água foi a mordida desferida no ombro esquerdo do zagueiro italiano Giorgio Chiellini, na Arena das Dunas, em Natal (RN), durante um jogo tenso que classificou a seleção do Uruguai às oitavas de final do torneio. O ataque de fúria, mesmo sem expulsão, foi seguido por severas consequências.

A primeira delas foi o julgamento moral: "O monstro deve ser banido", pedia o jornal inglês *The Telegraph*. "Animal Suárez", estampava a capa do tabloide *The Sun*. A queda seria ainda mais dramática, dois dias depois do episódio, com a confirmação da suspensão por nove jogos da seleção e o afastamento por quatro meses de qualquer atividade relacionada ao futebol. "O que mais me doeu foi me tratarem como um delinquente", diz o jogador, em entrevista exclusiva a PLACAR, a primeira a um veículo brasileiro desde sua festejada chegada ao Grêmio. Suárez ficou deprimido, tinha pouco estímulo até para retomar a rotina, mas encontrou naquele período conturbado, afeito a manchetes negativas de jornais, a nova versão de si mesmo que tanto procurava.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

"Qualquer pessoa tem dificuldades de reconhecer quando está mal. E, nesse momento, me custava *(entender isso)*. Eu dizia: 'Ah, foi sem querer', mas já era a terceira vez *(que mordia um adversário)*. Pensei: está mal. Comecei um tratamento psicológico que me ajudou muito", relata. A análise com uma psicóloga foi a mão estendida para ele, enfim, pôr para fora um turbilhão de sentimentos contidos que o levavam aos ataques de ira. Desde então, a face mais raivosa ou descontrolada minguou. Foi quase como uma despedida. E restou o que havia de melhor, o imparável El Pistolero, associado a um comportamento pacato e afável.

A versão "paz e amor" — mas ainda muito artilheira — é a que Suárez já apresentou ao Grêmio em pouco mais de três meses em Porto Alegre. Até o fechamento desta edição, ele mantinha média de um gol por partida. Adorado pelos torcedores, que identificam nele um personagem que cultua a simplicidade, rapidamente virou bom negócio. Sua camisa, a 9, é a mais procurada *(veja os números na pág. 12)*. O rosto de indefectíveis dentes alvíssimos e proeminentes aparece estampado em cachecóis, canecas, camisetas e diversos outros produtos, como só acontece com futebolistas da Europa. Um dia depois da estreia, na qual marcou três gols na

LUCAS UEBEL/GRÊMIO FBPA

Um homem *"familiero"*: com a companheira, Sofia, e os filhos Delfina, Lautaro e Benjamin

Alegria: celebração na goleada por 6 a 1 sobre o Novo Hamburgo, no Gauchão

ALEXANDRE BATTIBUGLI

decisão da Recopa Gaúcha contra o modesto São Luiz, alvoroçou as redes sociais ao ser flagrado acompanhado da família em compras em um supermercado local. "Suárez é gente como a gente", disseram os gremistas, em coro. Dias depois, estava de bermuda e chinelo em uma sorveteria da cidade. "Sou muito '*familiero*', gosto de aproveitar a vida com meus filhos", diz.

O processo de moldagem do artilheiro, que ultrapassou a casa dos 500 gols na carreira, passou por diversos outros ajustes além do trabalho de psicologia. Em casa, a mulher, Sofia Balbi, é quem evita os deslumbres pela fama, como porto seguro. Um fato marcante aconteceu depois de fazer quatro gols em uma atuação memorável pelo Liverpool na goleada por 5 a 1 diante do Norwich, no fim de 2013, um choque de realidade. "Sofia me disse: 'É incrível o que está fazendo, amor, mas não esqueça que aqui você é meu marido e pai de Delfina, tem que seguir fazendo as coisas, também", lembra. Sofia e os filhos — agora há três, a quem reverencia sempre que põe a bola na rede, em gesto característico com três dedos levados à boca — são o motivo de Suárez ser Suárez. Martín Lasarte, ex-treinador do craque no Nacional, do Uruguai, disse certa vez que para o camisa 9 era mais relevante ter o amor da companheira do que ser bem-sucedido no futebol. Acabou conquistando ambos, com um roteiro de novela. Pouco depois de se conhecerem, Sofia precisou deixar o Uruguai, ainda bem jovem, aos 14 anos, para morar com os pais em Barcelona, na Espanha. Suárez, com 16, jurou que se mudaria como jogador para a Europa para reencontrá-la. Dito e feito.

Em 2006, acabou contratado quase por obra do acaso pelo modesto Groningen, da Holanda. Olheiros do clube viajaram para Montevidéu para observar o atacante uruguaio Elias Figueroa, homônimo do clássico zagueiro chileno que atuou pelo Internacional nos anos 1970. Permaneceram por

UMA TRANSAÇÃO E TANTO

12 dias

Intervalo de tempo do primeiro contato direto da diretoria gremista com Suárez, em 19 de dezembro, até o acerto, no dia 31

Messi

O ex-companheiro aconselhou Luisito, às vésperas do Natal, a aceitar o Grêmio caso ainda quisesse atuar em uma liga mais competitiva. Suárez deu o "sim" ao Tricolor

52

Número de minutas contratuais trocadas entre Grêmio e o advogado espanhol de Suárez entre 24 e 30 de dezembro até a assinatura

15, 20, 25 e 30

Metas de gol estabelecidas em contrato. Não são contabilizados gols no Gauchão — exceto Grenais e a final. Para cada objetivo alcançado, um bônus recebido

Concorrentes

Clubes dos EUA, México, Espanha e da Turquia tentaram seduzir o craque uruguaio

9 000

camisas oficiais vendidas com o número e nome do jogador, um crescimento de 192%. Destas, quase 5 000 foram do terceiro modelo, com alusão ao Uruguai

19 689

novos sócios de 31 de dezembro, data do anúncio, até 17 de fevereiro. Segundo o clube, o quadro de sócios ativos hoje é de 80 689

“Neymar seria Bola de Ouro no Barça”

Com Messi, Suárez conta ter aconselhado Neymar a não ir para o PSG e acredita que o ex-companheiro jogará a Copa de 2026

Por que o trio MSN deu tão certo mesmo com estilos de vida tão diferentes? Há muitos fatores. Quando houve o interesse do Barcelona, pensei: tem Neymar e Messi, onde vou jogar? Falei com eles que não vinha para disputar quem bateria pênaltis ou faltas. No Liverpool, Gerrard batia mesmo eu liderando a corrida pela Chuteira de Ouro. Eu respeitava todos e eles viram que eu vinha para ajudar. Me criticaram no Uruguai porque, quando chegava na área, procurava por Neymar, Messi ou Xavi, e não finalizava. É verdade, mas depois Neymar e Messi me viam e punham a bola em mim. Não havia inveja nenhuma. Tínhamos uma vida diferente? Sim, mas se víamos que Neymar estava fazendo algo errado nós dizíamos. Ele gostava de escutar os mais experientes. E, depois, quando eu estava lutando pela Chuteira de Ouro de 2016, com Cristiano Ronaldo, eles me ajudaram a ganhar e eu sempre vou ser grato por isso. É mais uma prova de que três estrelas podem jogar juntas com o objetivo de ganhar para a equipe, não individualmente.

Você e Messi pediram para Neymar ficar no Barcelona? Sim. Doeu muito vê-lo ir embora, porque na pré-temporada, nos Estados Unidos, ele nos dizia que não, não *(iria)*. Eu não gostava muito de falar sobre isso, mas chegou um momento que era já algo grande, então fomos falar: “Ney, se quer ganhar tudo, fique conosco”. Estávamos mal porque havíamos perdido, mas isso mudaria, viriam jogadores novos. Ele escutava e dizia: “Sim, eu quero ficar”. Mas há todo o entorno, que às vezes é difícil de controlar. Como amigos, aconselhamos que ficasse, mas é uma decisão dele, de família. Dizíamos: “Neymar, na Inglaterra é melhor. No *(Manchester)* City vai ser melhor. Mas na França?”. Depois entendemos que o futebol francês cresceu também. Quando ele tomou a decisão nos derrubou porque era muito importante e seria difícil repor um jogador como ele. Nos conhecíamos de memória e foi uma perda muito grande.

QUIQUE GARCÍA/EFE

O MSN: 354 gols em três temporadas (135 só do uruguaio)

Em eleições como a Bola de Ouro, Neymar acabou ficando mais abaixo. Por que isso acontece? Acho que é falta de sorte. Ele também gosta de assumir as responsabilidades, os erros. Mas quem ganha é a equipe. Neymar pode atacar, fazer um gol, dar uma assistência, mas defender não pode. Também faltou sorte por conta das lesões. Sempre que estava em alta, sofria uma lesão. O jogador tem que estar preparado mentalmente para as críticas. Eu sempre digo: quanto mais me criticam, melhor rendo. Eu gosto mais, mas há jogadores que não gostam.

Neymar poderia ter sido o melhor do mundo? Creio que sim.

Se ele tivesse ficado no Barcelona? É comprometedor, mas eu assumo a responsabilidade. Se Neymar tivesse ficado no Barcelona, teria ganhado uma Bola de Ouro, com certeza.

Ele disse estar mentalmente esgotado e que essa pode ter sido sua última Copa... Creio que vai chegar à próxima. Não falei com ele, mas recomendo que aproveite ao máximo e tente, não custa nada. Messi, com 35 anos, tentou e conseguiu. O Brasil, se quer ser campeão mundial, tem que fazer o que a Argentina fez com o Messi: pôr dez jogadores que corram e trabalhem para Neymar. Os craques fazem diferença. Se o Brasil o rodeia com dez jogadores que corram e trabalhem, Neymar, aos 34 anos, pode funcionar, perfeitamente. É difícil? Sim, é. Mas tem que trabalhar a partir de agora.

mais alguns dias e assistiram a uma partida entre o Nacional, de Suárez, e o Defensor — primeiro e segundo colocados na tabela do Campeonato Uruguaio na ocasião. Suárez marcou um gol, sofreu um pênalti e deu uma assistência na vitória de sua equipe. “Creio que foi a melhor partida da minha carreira... eu não conhecia o clube *(Groningen)*, mas disse aos meus representantes: ‘Não me importa onde vai ser, se é para a Europa, eu vou’”, lembra, aos risos. Em 2007, assinou com o Ajax. Quatro anos depois, foi para o Liverpool. E em julho de 2014, enfim, chegou ao Barcelona — mesmo afastado dos gramados, porque a mordida cobrava preço alto, e só podendo vestir a camisa azul e grená quatro meses depois, foi comprado por espetaculares 82 milhões de euros.

Bem antes daquela travessia, da Inglaterra para a Espanha, porém, Suárez também precisou ser enquadrado pelo treinador do juvenil do Nacional, Ricardo “Murmullo” Perdomo — e é ele mesmo quem, com genuíno interesse e cuidado, puxa o fio da meada na conversa com PLACAR. Suárez esteve bem perto de ser dispensado pelo clube pelo baixo desempenho, atribuído, por ele mesmo, às más influências. “Tinha amigos que diziam: ‘Vamos sair, não vá treinar’... Perdomo me disse: ‘Ou você muda, ou vai embora, é sua última chance’”, diz. “Aí mudei o chip”. As merecidas broncas forjaram o jogador também na seleção. Foi a estrada para que o tratem, embora sem unanimidade, como o maior jogador da história do país — à frente de totens como Obdulio Varela, o carrasco do Brasil em 1950, Diego Forlán, Enzo Francescoli, seu ídolo de infância, além de Edinson Cavani e Pedro Rocha, ambos nascidos também em Salto. O ex-capitão e zagueiro Diego Lugano diz que Suárez é o número 1. O crescimento do craque é fruto direto do insistente trabalho do treinador Óscar Tabárez, o Maestro. Não foram poucas as lições. Em uma delas, recorda que Tabárez o ameaçou substituir da decisiva partida contra a Argentina, na Copa América de 2011, caso continuasse reclamando com o árbitro paraguaio Carlos Amarilla. O jogo era eliminatório, pelas quartas de final da competição. “Eu estava muito bem, então não falei mais com o árbitro para não sair. Maestro me ensinou muito”, afirma. O Uruguai venceu os rivais por 5 a 4 nos pênaltis e, depois, foi campeão diante do Paraguai. Suárez, mais disciplinado, terminou eleito o melhor jogador da competição.

Tabárez equilibrava em Suárez o peso das cobranças. Aos 22 anos, em 2009, deu a ele a oportunidade de substituir Forlán, suspenso, em uma partida pelas Eliminatórias. Depois do jogo, um tropeço contra o Peru, o Maestro surpreendeu ao dizer que estava decepcionado com o pupilo. Ao perguntar o motivo, o provocou dizendo que já esperava que conseguisse assumir maiores responsabilidades. Meses depois, seria titular na Copa do Mundo da África do Sul. Em 2014, o caminho era inverso: explicava que os even-

GOLS POR TODA PARTE

Suárez tem mais de 500 bolas na rede na carreira e ergueu taças em seu país, na Holanda, na Inglaterra e na Espanha

NACIONAL (Uruguai)
2005-2006
Gols: 12
Título: Campeonato Uruguaio (2006)

CLUB NACIONAL DE FOOTBALL

GRONINGEN (Holanda)
2006-2007
Gols: 15

VIIIMAGES/GETTY IMAGES

AJAX (HOLANDA)
2007-2011
Gols: 111
Títulos: Campeonato Holandês (2011), Copa da Holanda (2009)

VALERIO PENNICINO/GETTY IMAGES

Mestre e pupilo: com Óscar Tabárez na Celeste de 2007 a 2021

RAÚL MARTÍNEZ/EFE

tuais fracassos do Uruguai não seriam por sua culpa: “Contra a Itália eu pensava que a responsabilidade de o Uruguai ser eliminado era minha, daí vieram os ataques de ira. Aconteceu com o Chiellini, foi um erro meu”, diz, ao lembrar da mordida que ninguém esquece.

A versão mais madura de Luisito foi posta à prova, para além das diatribes contra adversários, sobretudo na saída do Barcelona, em 2020 — na trilha do movimento de Neymar, que fora para o PSG *(leia na pág. 13)*, no fechar das cortinas do histórico trio MSN. Escanteado, mesmo sendo o terceiro maior artilheiro da história do clube, com 198 gols, esperou pacientemente pelo desfecho de sua situação treinando separado dos demais companheiros. Foi para o Atlético de Madri e riu por último, com um título ao final da temporada regado de emoção. Imagens flagraram ele chorando, sentado no gramado, em uma chamada de vídeo com os filhos e a mulher.

Ao marcar contra o ex-clube, o Barça, não comemorou, mas em seguida fez um gesto como se estivesse falando ao telefone — provável recado ao modo como o técnico holandês Ronald Koeman comunicou o desligamento do Barcelona, numa ligação de voz, sem zelo algum. Falou seguidas vezes sobre o sentimento de injustiça, sem meias-palavras. Pôs para fora, como aprendeu com a psicóloga. “Ela me ensinou que cada situação que acontecesse comigo que eu falasse, que eu dissesse. Situação com os meus filhos, com minha

JOHN POWELL/LIVERPOOL FC

LIVERPOOL (Inglaterra) 2011-2014
Gols: 82
Título: Copa da Liga Inglesa (2012)

ALEJANDRO GARCÍA/EFE

BARCELONA (Espanha) 2014-2020
Gols: 198
Títulos: Campeonato Espanhol (2015, 2016, 2018 e 2019), Liga dos Campeões (2015), Supercopa da Uefa (2015), Mundial de Clubes (2015), Copa do Rei (2015, 2016, 2017 e 2018), Supercopa da Espanha (2016 e 2018)

ERNESTO RYAN/GETTY IMAGES

NACIONAL (Uruguai) 2022
Gols: 8
Título: Campeonato Uruguaio (2022)

SEBASTIÃO MOREIRA/EFE

URUGUAI Desde 2007
Gols: 68
Título: Copa América (2011)

RODRIGO JIMÉNEZ/EFE

ATLÉTICO DE MADRI (Espanha) 2020-2022
Gols: 34
Título: Campeonato Espanhol (2021)

mulher... e, claro, aprendi com tudo isso. A minha forma de jogar, de protestar, isso nunca vai mudar, mas essas coisas que fizemos juntos, no consultório, me ajudaram a não ter ataques de ira."

A PLACAR, insista-se, Suárez abriu o jogo como nunca antes. Apesar de já arranhar bom português, pediu para responder em espanhol para poder expressar melhor seus sentimentos. Direto e objetivo, revelou não gostar de concentrações — postura que ainda é vista com cara feia por cartolas e técnicos. "Todos os companheiros me falaram muito bem a respeito dos torneios no Brasil, e, obviamente, averiguei como era o futebol, a vida... sabia das concentrações, viagens longas. Não gosto de tantas viagens e concentrações, mas sei que aqui se faz muito. Tive que avaliar", conta. E decidiu vir, após ouvir impressões de Loco Abreu e Forlán, porque seria capaz de se habituar motivado pelo desejo de ainda se sentir desafiado — apesar de não ter passado pelo teste do Brasileirão, longo e de longas distâncias.

Uma revelação: a vinda ao Brasil poderia ter sido antecipada há dezessete anos, em 2006, quando Andrade, então olheiro do Flamengo, foi ao Uruguai para observar jogadores do Nacional. Entre eles, estava Suárez. "É verdade que o Flamengo foi me ver jogar, me disseram que havia o interesse, mas que não gostaram do que viram", lembra. Como sinceridade é o nome do jogo, admite ter sido a decisão correta, porque havia muito a aprender, ainda. "Nessa época eu errava muitos gols e é normal", ri. "Acontecem muitas situações com jogadores jovens de 17, 18 anos que vão, fazem testes em outras equipes e não vão bem".

Bem-sucedido, de carreira sólida e vencedora, Luisito parece ainda aquele menino de Salto que jogava com chuteiras emprestadas. Aos 36 anos, ri ao ser perguntado se tentaria chegar a mais uma Copa, a quinta: "Eu? Eu não, não, muito difícil, muito distante", e dá-lhe risos. "Eu ainda não tomei uma decisão *(sobre continuar na seleção)*. Estou em uma etapa de conversar com o meu corpo, com a minha cabeça e com a minha família para ver qual é a melhor decisão porque também, quando você já alcançou um patamar maior, é melhor terminar do que seguir e ser insultado, ser chamado de velho."

AS CONFUSÕES DO PASSADO

Se nos últimos anos o veterano uruguaio tem demonstrado bom comportamento, o início de sua carreira foi marcado por polêmicas – e mordidas

MICHAEL STEELE/GETTY IMAGES

LA MANO DEL DIABLO

Em sua primeira Copa, em 2010, o atacante chocou o mundo não ao fazer, mas ao evitar um gol, o que levaria Gana à semifinal — com a mão! Gyan errou o pênalti, o Uruguai avançou e Suárez virou herói nacional em Montevidéu e o próprio diabo para os ganeses, na definição feita por um jornalista africano ao revê-lo no Mundial de 2022.

MATTHIAS HANGST/GETTY IMAGES

NHAC!

Suárez costuma se engalfinhar com zagueiros e, em três oportunidades, perdeu a paciência e cravou seus inconfundíveis dentes em rivais. A mordida mais célebre, no italiano Chiellini, ocasionou a sua suspensão da Copa de 2014 e o banimento do futebol por quatro meses. "Me trataram como um delinquente."

SHAUN BOTTERILL/GETTY IMAGES

A PALAVRA COM N...

Em 2011, atuando pelo Liverpool, Suárez foi acusado de racismo pelo lateral francês Evra, do Manchester United. Condenado e suspenso por oito jogos, sempre jurou inocência e argumentou que o uso da palavra "negro" tem outra conotação em espanhol — inclusive é a forma como ele próprio é chamado por alguns familiares

De velho, ele não tem nada, dentro e fora de campo — e tudo indica o Grêmio ter feito uma contratação que se fará histórica. A ligação entre Suárez e a equipe tricolor nasceu como promessa de campanha do presidente do clube, Alberto Guerra, eleito em novembro do ano passado. A cartada foi criticada por opositores como uma manobra eleitoral, dias antes do pleito, mas acabou confirmada pelo próprio jogador durante a disputa da Copa do Mundo do Catar, entre um jogo e outro. "É ótimo saber que reconhecem o trabalho que eu faço dentro de campo, que um clube como o Grêmio tem interesse no meu trabalho", diz. "É muito importante. Eu agradeci pelo carinho, mas disse que naquele momento eu estava com a minha cabeça focada no Mundial", declarou na ocasião.

DAVID S. BUSTAMANTE/SOCCRATES/GETTY IMAGES

Com a família no celular: a emoção no Atlético depois de dispensado pelo Barcelona

NOVA FASE

Desde a mordida em Chiellini e sua chegada ao Barcelona, Suárez conseguiu controlar os nervos e passou anos longe de maiores confusões. Em 2021, no entanto, teve uma leve recaída: foi flagrado dando um beliscão no zagueiro Rudiger, então no Chelsea. Encarado pelo alemão, Suárez o empurrou e sorriu.

CRISTI PREDA/DEFODI IMAGES/GETTY IMAGES

A negociação ganhou fôlego a partir de 15 de dezembro, depois da eliminação do Uruguai, quando um intermediário informou ao Grêmio que a possibilidade de Suárez ir para a MLS, principal liga americana, havia sido descartada. Quatro dias depois, o vice-presidente, Paulo Caleffi, e dirigentes do clube apresentaram o projeto ao jogador em uma videochamada. Suárez deu o aval dias depois para que os gaúchos acertassem as bases do contrato com seu advogado. Em 31 de dezembro, ele fez os exames médicos em uma clínica particular em Montevidéu, assinou o vínculo e foi anunciado — com a ajuda de duas empresas que bancam seus salários: Arroz Prato Fino e Marquespan, ambas do ramo alimentício. A apresentação teve mais de 32 000 pessoas, para alegria de um lado do Rio Grande e desgosto do outro.

"Vocês falaram com o Suárez? O Valencia fará em seis meses o que ele conseguirá em um ano", cutucou um motorista de aplicativo, colorado, é evidente, a reportagem de PLACAR, no caminho para a Arena Grêmio. A comparação é uma clara resposta do rival, que recentemente trouxe Luiz Adriano e teria um pré-contrato com o equatoriano Enner Valencia, autor de três gols na última Copa. Suárez esbanja confiança. "Fiquem tranquilos os torcedores do Grêmio porque em todos os clássicos que joguei fiz gols. Essa responsabilidade assumo aqui, também", disse, dias antes de seu primeiro Grenal — e todo Grenal, o planeta sabe, constrói e desconstrói reputações.

A tranquilidade que Suárez promete aos torcedores nas arquibancadas é a mesma que assegurou ao treinador Renato Portaluppi, o Gaúcho. Em um dos treinos, relembra com os famosos dentes à mostra, animado e feliz, estava treinando faltas. "Tentei duas cobranças, acertei na barreira e saí. O treinador disse: 'Vai lá para dentro porque nunca te vi fazer um gol de falta'. E eu respondi: 'Nunca viu? Depois te envio um DVD de meus gols'. Tenho que mandar a ele os gols de falta que tenho." É promessa que ainda não foi cumprida.

Suárez, definitivamente, deixou para trás todas as sombras que já o visitaram. Lembra das dificuldades com alguma leveza, entende que o divã o afastou do precipício, não renega o passado, mas o trata com inteligência. Na maturidade, parece recomeçar tudo de novo. E hoje, em paz, sabe exatamente quem é. Luisito sorri. ■

EIS AÍ A SELEÇÃO DE 2026

PLACAR desafiou 50 profissionais de imprensa a escalar o time ideal para a próxima Copa do Mundo, nos Estados Unidos, México e Canadá. E você, acha que esses onze craques têm condições de brigar para trazer a sonhada sexta estrela para o Brasil?

Guilherme Azevedo e Klaus Richmond

Militão, Ederson, Emerson Royal, Marquinhos e Casemiro *(em pé)*; Guilherme Arana, Vinicius Junior, Neymar, Bruno Guimarães, Endrick e Rodrygo *(agachados)*

ILUSTRAÇÃO OBERDAN MACHADO

RUDA MENDES/AFP/GETTY IMAGES

Vinicius Junior, com 48 de 50 votos possíveis, ficou empatado com Marquinhos como o preferido: o atacante do Real Madrid lutou para ganhar espaço com Tite e agora tem tudo para assumir um inédito protagonismo na nova fase

Em 2021, PLACAR teve uma ideia ousada: escalar a seleção brasileira de todos os tempos. Pediu ajuda a um nobre colégio eleitoral formado por repórteres, editores, comentaristas, narradores e ex-jogadores. Com a lista de cada um, os votos foram somados, independentemente da posição em que o atleta havia sido escalado. Taffarel; Carlos Alberto Torres, Aldair, Bellini e Nilton Santos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário foram os onze eleitos, com Zagallo como técnico. A votação causou barulho, circulou nas redes sociais, foi parar em outras publicações — deu o que falar, em tempo frenético de opiniões definitivas e certezas absolutas.

Agora, o desafio é outro — talvez mais divertido e certamente mais difícil. Quem estará vestindo a camisa canarinho, tão maltratada pela guerra ideológica *(leia mais na seção Entorta-Varal, na pág. 56)*, na estreia da seleção brasileira na Copa de 2026? O exercício de futurologia ganhou ares de adivinhação diante do impasse na definição do sucessor de Tite como técnico. Boa parte da imprensa (e da própria Confederação Brasileira de Futebol) gostaria de ver o italiano Carlo Ancelotti no cargo, mas, perguntado sobre essa possibilidade, ele desconversou e lembrou que ainda tem mais de um ano de contrato com o Real Madrid. Até o fechamento desta edição, no fim de fevereiro, sabia-se apenas que Ramon Menezes, treinador que conquistou em fevereiro o Sul-Ame-

ricano Sub-20, dirigirá interinamente o time principal na primeira data da Fifa, em um amistoso contra o Marrocos, marcado para 25 de março, em Tanger.

Como resumiu Carlos Eduardo Mansur, em sua coluna no jornal *O Globo* logo após a eliminação para a Croácia, no Mundial disputado em dezembro no Catar, debruçado na foto de Neymar em prantos consolado por Daniel Alves e Thiago Silva, o "futebol brasileiro precisa ir ao divã após a eliminação na Copa". Há um dilema: seguir com jogadores consagrados em seus clubes, mas que não brilharam com a camisa verde e amarela, ou jogar todas as fichas em caras novas, sem os traumas de duas eliminações seguidas nas quartas de final (sem falar "naquele" 7 a 1)? Como juntar os cacos e fazer com que esse "novo ciclo", no chavão tão afeito ao ex-treinador Tite, tenha um final bem mais feliz?

Nunca é demais lembrar que, em pouco mais de cinco anos como técnico da amarelinha, Tite convocou 122 jogadores. Desses, 85 entraram em campo. Ou seja, é óbvio que muita água vai rolar daqui para a frente e craques vão surgir e ser esquecidos. Por isso, a escolha da seleção do futuro pode ser surpreendente para alguns, dado ainda estar razoavelmente ancorada no passado. Dos onze mais votados para 2026, oito estiveram na Copa de 2022: o goleiro Ederson; os zagueiros Marquinhos e Militão; os meias Casemiro e Bruno Guimarães; e os atacantes Neymar, Vinicius Junior e Rodrygo. As três únicas novidades são o lateral-direito Emerson Royal, do Tottenham, o lateral-esquerdo Guilherme Arana, do Atlético-MG, e o jovem atacante Endrick, revelado pelo Palmeiras e vendido recentemente ao Real Madrid, clube ao qual vai se apresentar quando completar 18 anos, no distante julho de 2024.

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Marquinhos ficou marcado pelo pênalti perdido diante dos croatas, em Al Rayyan, o erro derradeiro que selou a eliminação brasileira em 2022: mesmo assim, o zagueiro do PSG ainda sobra na preferência dos participantes da votação

Vale lembrar que Ederson, do Manchester City, Bruno Guimarães, do Newcastle, e Rodrygo, do Real, começaram no banco o jogo contra a Croácia, no Catar. Raphinha, que foi titular naquela tarde, não recebeu um só voto agora. Na outra ponta, não houve nenhuma unanimidade: Marquinhos e Vinicius Junior *(leia a coluna de Paulo Cezar Caju)* ficaram com 48 votos cada um. O atacante merengue, brasileiro mais bem colocado na Bola de Ouro de 2022 (foi o oitavo lugar), ficou fora das escalações de dois jornalistas, Rodolfo Rodrigues e Claudio Henrique, colaboradores de PLACAR. O terceiro mais votado foi Bruno Guimarães, lembrado por quarenta eleitores.

Menos surpreendente é a pulverização observada na lateral direita, posição em que estamos carentes há algum tempo, tanto que Tite optou por levar Daniel Alves ao Catar, mesmo sob uma avalanche de críticas — e terminou não o escalando quando ficou sem o titular, Danilo. Entre os cinquenta eleitores convocados a entrar na brincadeira da futura seleção, surgiram nove nomes para a maltratada posição. Emerson Royal foi escolhido com 15 votos (o menor número entre os titulares), seguido de perto por Vanderson, com 11, e Militão, eleito com sobras como zagueiro, mas aparece escalado nove vezes na lateral. Os outros seis citados são Arthur, destaque do América-MG e da seleção sub-20; Vinicius Tobias, que nem sequer atuou pelo profissional do Real Madrid; Khellven, do Athletico-PR; Gilberto, do Benfica; João Moreira, do São Paulo; e Garcia, do Palmeiras.

"A falta de um nome que sobressaia na lateral-direita é clara e o Arthur foi um dos que mais me impressionaram", afirma Mansur. "Olhar para o futuro, porém, é outra coisa, e saber quem vai chegar à Copa depende de muitas variáveis." O repórter Eric Faria concorda: "São apostas, não? Estamos palpitando sobre o que vai acontecer e imaginar jovens que possam, daqui a três anos e meio, estar bem para defender a seleção". O desejo de rejuvenescer o time fica transparente na presença de Endrick, um garoto de apenas 16 anos que fez sua estreia entre os profissionais do Palmeiras no fim do ano passado. No total, catorze atacantes apare-

Na opinião dos eleitores de PLACAR, Neymar, o maior artilheiro da história da seleção, com 77 gols em jogos oficiais, seguirá com a 10, mas algumas dúvidas o perseguem: ele ainda quer prosseguir? E, aos 34 anos, caberá no time? Thiago Silva e Daniel Alves certamente não

VISIONHAUS/GETTY IMAGES

cem nas listas — e ele está entre os três mais votados, à frente de Antony, Pedro, Martinelli, Gabriel Jesus e Richarlison, para ficar nos que estiveram no Catar. Jesus, por exemplo, só recebeu um voto. "O Endrick é uma aposta sentimental", diz Eric Faria. "O Brasil precisa de um camisa 9 protagonista novamente, um centroavante decisivo. E, como não temos no presente nenhum desses, fazemos essa aposta no escuro."

Outro fato que pôs jovens talentos em evidência foi o título sul-americano da seleção sub-20 *(leia em Fotos do Mês, na pág. 6)*. Artilheiro do torneio, Vitor Roque foi lembrado onze vezes, mas acabou de fora do time titular. Nunca chamados, nomes como Yuri Alberto, do Corinthians, Danilo, do Nottingham Forest, André, do Fluminense, e Joelinton, do Newcastle, foram outros citados como possibilidades para 2026. "O Jesus e o Pedro são mais goleadores, mas acho que o Yuri, por ter mais mobilidade e ser voluntarioso e veloz, combina mais com o espírito de renovação", defende Bruno Andrade.

Assim como há muitos nomes despontando, tanto no Brasil como os já vendidos para clubes do exterior, também há veteranos que prometem seguir sob os holofotes. Casemiro parece ter melhorado ainda mais o seu jogo (como se isso fosse possível) depois de trocar o Real pelo Manchester United. Em 2026, quando o Mundial será disputado pela primeira vez em três países (Canadá, Estados Unidos e México), ele terá 34 anos. Exatamente a mesma idade do tão celebrado (e tantas vezes criticado) Neymar. O camisa 10, maior artilheiro da história da seleção, com 77 gols em jogos oficiais, ganhou 27 votos, pouco mais da metade do total, e a maior parte para atuar como meia, não mais como atacante. Em outubro de 2021, em entrevista à DAZN, o próprio jogador disse: "Eu encaro o Catar como minha última Copa porque não sei se terei mais condições, de cabeça, de aguentar mais futebol". Messi já tinha completado 35 anos quando levou a Argentina ao tricampeonato. Será a chance da consagração de Casemiro, Neymar e, quem sabe, outros craques que ainda não conseguiram brilhar de forma incontestável pelo Brasil? A ver. Por ora, cabe ficar com a seleção de PLACAR para daqui a três anos. ■

BRUNO PACHECO/CBF

Endrick com a taça do Torneio de Montaigu, conquistada em 2022 com a seleção brasileira sub-17: o jovem atacante foi vendido por mais de 400 milhões de reais e se apresenta ao Real Madrid em julho de 2024, quando fizer 18 anos

O italiano Carlo Ancelotti é o preferido para virar o técnico: mais de um ano de contrato com o Real

MOHAMED MESSARA/EFE

AS ESCOLHAS DO JÚRI

As indicações de cada um dos 50 membros do colégio eleitoral

ALEXANDRE BATTIBUGLI (PLACAR): Ederson; Vanderson, Marquinhos, Eder Militão, Renan Lodi; Guilherme Arana, Lucas Paquetá, Rodrygo; Gabriel Martinelli, Endrick e Vinicius Junior

ALEXANDRE SALVADOR (Flow Sport Club): Ederson; Eder Militão, Bremer, Marquinhos, Guilherme Arana; Danilo, Bruno Guimarães, Lucas Paquetá; Rodrygo, Vitor Roque e Vinicius Junior

ALEXANDRE LOZETTI (Grupo Globo): Alisson; Vanderson, Eder Militão, Marquinhos, Caio Henrique; Casemiro, Andrey, Bruno Guimarães; Rodrygo, Neymar e Vinicius Junior

ALEXANDRE SENECHAL (Jovem Pan News Curitiba): Bento; Eder Militão, Bremer, Marquinhos, Guilherme Arana; Bruno Guimarães, Douglas Luiz, Rodrygo; Vinicius Junior, Yuri Alberto e Gabriel Martinelli

OS TRÊS DA SELEÇÃO TITULAR COM MENOS VOTOS

Emerson Royal

15

Casemiro

18

Ederson

24

ALEX SABINO (Folha de S.Paulo): Ederson; Arthur, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Casemiro, Bruno Guimarães, Neymar; Rodrygo, Vitor Roque e Vinicius Junior

ALLINE CALANDRINI (Grupo Globo): Ederson; Khellven, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Casemiro, Bruno Guimarães; Rodrygo, Vinicius Junior, Gabriel Martinelli e Neymar

ALINNE FANELLI (BandNews FM): Ederson; Emerson Royal, Eder Militão, Marquinhos, Renan Lodi; Casemiro, Bruno Guimarães, Neymar; Rodrygo, Vinicius Junior e Endrick

ANA THAÍS MATOS (Grupo Globo): Ederson; Emerson Royal, Marquinhos, Gabriel Magalhães, Alex Telles; Danilo, Bruno Guimarães, Lucas Paquetá, Neymar; Vinicius Junior e Endrick

ANDRÉ HERNAN (Canal do André Hernan): João Paulo; João Moreira, Marquinhos, Eder Militão, Guilherme Arana; Danilo, Bruno Guimarães, Rodrygo; Vinicius Junior, Gabriel Martinelli; Endrick

ARNALDO RIBEIRO (TV Cultura e BandSports): Ederson; Emerson Royal, Eder Militão, Marquinhos, Gabriel Magalhães; Bruno Guimarães, Lucas Paquetá, Rodrygo; Antony, Vinicius Junior e Endrick

BRUNO ANDRADE (UOL e CNN Portugal): Alisson; Vanderson, Marquinhos, Eder Militão, Renan Lodi; João Gomes, Bruno Guimarães, Neymar; Vinicius Junior, Antony e Yuri Alberto

BRUNO FORMIGA (TNT Sports): Alisson; Gilberto, Marquinhos, Nino, Caio Henrique; André, Bruno Guimarães, Lucas Paquetá; Vinicius Junior, Neymar e Rodrygo

CARLOS MARANHÃO (jornalista): Bento; Emerson Royal, Marquinhos, Gabriel Magalhães, Renan Lodi; André, Bruno Guimarães; Gabriel Martinelli, Vinicius Junior, Rodrygo e Endrick

CARLOS EDUARDO MANSUR (Grupo Globo): Alisson; Arthur, Eder Militão, Marquinhos, Caio Henrique; Danilo, Bruno Guimarães, Neymar; Rodrygo, Endrick e Vinicius Junior

A BRIGA DOS GOLEIROS

Ederson

24

Alisson

14

Bento

8

CASAGRANDE (UOL): Ederson; Eder Militão, Marquinhos, Robert Renan, Guilherme Arana; Andrey, André, Lucas Paquetá; Rodrygo, Vitor Roque e Vinicius Junior

CELSO UNZELTE (ESPN): Alisson; Emerson Royal, Gabriel Magalhães, Eder Militão, Guilherme Arana; Andrey, Bruno Guimarães; Rodrygo, Neymar, Vinicius Junior e Endrick

CLAUDIO HENRIQUE (PLACAR): Ederson; Eder Militão, Marquinhos, Bremer, Guilherme Arana; André, Bruno Guimarães; Endrick, Rodrygo, Pedro e Luiz Henrique

DÉBORA GARES (Grupo Globo): Ederson; Emerson Royal, Eder Militão, Marquinhos, Alex Telles; Danilo, Bruno Guimarães, Neymar; Rodrygo, Pedro e Vinicius Junior

ENRICO BENEVENUTTI (PLACAR): Bento; Vinicius Tobias, Marquinhos, Robert Renan, Guilherme Arana; Andrey, Joelinton, Bruno Guimarães; Vitor Roque, Yuri Alberto e Vinicius Junior

ERIC FARIA (Grupo Globo): Ederson; Vinicius Tobias, Marquinhos, Eder Militão, Guilherme Arana; Danilo, Bruno Guimarães, Neymar; Rodrygo, Vinicius Junior e Endrick

FELIPPE FACINCANI (PLACAR): Ederson; Emerson Royal, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Bruno Guimarães, João Gomes, Neymar; Vinicius Junior, Rodrygo e Richarlison

FLÁVIO GOMES (PLACAR): Bento; Emerson Royal, Marquinhos, Gabriel Magalhães, Guilherme Arana; Bruno Guimarães, João Gomes e Giovani; Paraizo, Pedro e Vinicius Junior

FRED CALDEIRA (TNT Sports): Alisson; Vinicius Tobias, Marquinhos, Eder Militão, Caio Henrique; Casemiro, Bruno Guimarães, Rodrygo; Vinicius Junior, Endrick e Gabriel Martinelli

GUILHERME AZEVEDO (PLACAR): Ederson; Vanderson, Eder Militão, Marquinhos, Caio Henrique; Andrey, Bruno Guimarães, Rodrygo; Endrick, Vitor Roque e Vinicius Junior

GUSTAVO ZUPAK (ESPN): Ederson; Vanderson, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Casemiro, Andrey, Neymar; Vinicius Junior, Gabriel Martinelli e Yuri Alberto

KAIO FIGUEREDO (PLACAR): Ederson; Vanderson, Marquinhos, Bremer, Caio Henrique; André, Douglas Luiz, Rodrygo; Vinicius Junior, Vitor Roque e Yuri Alberto

KLAUS RICHMOND (PLACAR): Bento; Khellven, Marquinhos, Eder Militão, Renan Lodi; Andrey, Bruno Guimarães, Rodrygo; Gabriel Martinelli, Vitor Roque e Vinicius Junior

LEANDRO BEHS (jornalista) : Alisson; Emerson Royal, Vitão, Marquinhos, Renan Lodi; Casemiro, Bruno Guimarães, Rodrygo; Endrick, Vinicius Junior e Richarlison

LEANDRO QUESADA (PLACAR): Ederson; Emerson Royal, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Danilo, Bruno Guimarães; Richarlison, Neymar, Vinicius Junior; Endrick

LEANDRO MIRANDA (PLACAR): Alisson; Vanderson, Eder Militão, Marquinhos, Renan Lodi; Casemiro, Andrey; Lucas Paquetá, Neymar, Vinicius Junior; Gabriel Jesus

LEONARDO BERTOZZI (ESPN): Alisson; Arthur, Marquinhos, Eder Militão, Guilherme Arana; Casemiro, Lucas Paquetá, Bruno Guimarães; Rodrygo, Neymar e Vinicius Junior

LEONARDO MIRANDA (Grupo Globo): Ederson; Vanderson, Marquinhos, Eder Militão, Renan Lodi; Casemiro, Lucas Paquetá; Vinicius Junior, Neymar, Gabriel Martinelli; Endrick

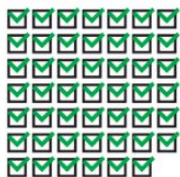
LUIZ FELIPE CASTRO (PLACAR): Bento; Emerson Royal, Marquinhos, Eder Militão, Guilherme Arana; João Gomes, Bruno Guimarães, Neymar; Antony, Endrick e Vinicius Junior

LUIZ TEIXEIRA (Grupo Globo): Ederson; Arthur, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Bruno Guimarães, Joelinton, Rodrygo; Vitor Roque, Endrick e Vinicius Junior

MARCEL RIZZO (UOL e *Folha de S.Paulo*): Ederson; Vanderson, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Casemiro, Bruno Guimarães, Neymar; Rodrygo, Vinicius Junior e Vitor Roque

MARCELO DUARTE (jornalista): Alisson; Eder Militão, Bremer, Marquinhos, Guilherme Arana; Casemiro, Bruno Guimarães, Neymar; Vinicius Junior, Richarlison e Gabriel Martinelli

OS TRÊS MAIS VOTADOS

Vinicius Júnior

48

Marquinhos

48

Bruno Guimarães

40

MARIA FERNANDA LEMOS (PLACAR): Ederson; Emerson Royal, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Casemiro, Bruno Guimarães, Neymar; Vinicius Junior, Vitor Roque e Rodrygo

MARÍLIA RUIZ (BandSports): Bento; Eder Militão, Bremer, Gabriel Magalhães, Guilherme Arana; Danilo, Gerson, Bruno Guimarães; Rodrygo, Vinicius Junior e Endrick

MÁRIO KEMPES (Blog do Kempes): Ederson; Emerson Royal, Robert Renan, Marquinhos, Caio Henrique; André, João Gomes, Neymar; Endrick, Yuri Alberto e Vinicius Junior

MAURO BETING (TNT Sports, SBT e Jovem Pan): Alisson; Emerson Royal, Marquinhos, Bremer, Guilherme Arana; André, Bruno Guimarães; Neymar; Vinicius Junior, Endrick e Rodrygo

MAURÍCIO BARROS (BandSports): João Paulo; Garcia, Eder Militão, Marquinhos, Guilherme Arana; Bruno Guimarães, Casemiro, Gustavo Scarpa; Rodrygo, Pedro e Vinicius Junior

MILTON NEVES (UOL): Weverton; Eder Militão, Marquinhos, Murilo, Guilherme Arana; Casemiro, Gustavo Scarpa, João Gomes; Dudu, Endrick e Vinicius Junior

NADJA MAUAD (Grupo Globo): Bento; Khellven, Marquinhos, Bremer, Renan Lodi; Danilo, Bruno Guimarães, Andrey; Rodrygo, Vinicius Junior e Vitor Roque

OSCAR ULISSES (Rádio CBN): Alisson; Vanderson, Marquinhos, Eder Militão, Caio Henrique; Danilo, Gerson, Neymar; Rodrygo, Vinicius Junior e Endrick

PAULO ANDRADE (ESPN): Ederson; Eder Militão, Marquinhos, Bremer, Guilherme Arana; Casemiro, Danilo, Bruno Guimarães; Vinicius Junior, Neymar e Rodrygo

RODOLFO RODRIGUES (UOL): Ederson; Vanderson, Marquinhos, Eder Militão, Guilherme Arana; André, Bruno Guimarães, Lucas Paquetá; Antony, Endrick e Rodrygo

SÉRGIO XAVIER (Grupo Globo): Ederson; Vinicius Tobias, Marquinhos, Eder Militão, Guilherme Arana; Casemiro, Andrey, Lucas Paquetá; Rodrygo, Yuri Alberto e Vinicius Junior

VITOR BIRNER (ESPN): Alisson; Emerson Royal, Eder Militão, Marquinhos, Abner; Casemiro, Danilo, Bruno Guimarães; Rodrygo, Endrick e Vinicius Junior

VITOR SÉRGIO RODRIGUES (TNT Sports): João Paulo; Eder Militão, Marquinhos, Lucas Beraldo, Caio Henrique; Danilo, André, Bruno Guimarães; Rodrygo, Endrick e Vinicius Junior

WELLINGTON CAMPOS (Rádio Itatiaia): Alisson; Arthur, Marquinhos, Léo Pelé, Guilherme Arana; Andrey, Bruno Guimarães, Lucas Paquetá, Neymar; Richarlison e Vinicius Junior

RUAN RIBEIRO, 19 ANOS (PALMEIRAS)

O faro de bola na rede levou o goleador a fazer história no Palmeiras — não apenas pelo título. Nunca um jogador do clube (nem mesmo Endrick) havia feito tantos gols em uma única edição do torneio: nove, em nove jogos.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

CÁSSIO, 21 ANOS (AMÉRICA-MG)

O Coelho chegou à final mostrando um sólido desempenho. O goleiro do time mineiro foi um dos grandes responsáveis por passar segurança ao time. Foram nove jogos, apenas uma derrota (na decisão contra o Palmeiras) e somente cinco gols sofridos. Além dos números, Cássio simboliza o bom trabalho da base do América.

FUTEBOL DE GENTE GRANDE

Quem são os meninos que se destacaram na mais recente edição da Copa São Paulo, realizada em janeiro

Enrico Benevenutti

Todo ano, alguns capítulos da história se repetem: o cenário, as chuvas fortes, a esperança, a final no dia 25 de janeiro, aniversário da capital paulista. O que muda no roteiro são os personagens e, muitas vezes, o desfecho. Em janeiro, para quebrar o jejum das férias dos atletas profissionais, entra em campo a Copa São Paulo de Futebol Júnior, mais conhecida como Copinha, que gosta de se autoproclamar "a maior competição de base do mundo".

Em 2022, o torneio, que é disputado desde 1969, viu o Palmeiras quebrar a escrita de nunca ter sido campeão — com direito a uma super-revelação. O jovem Endrick, na época com apenas 15 anos, comandou a conquista inédita e, nos meses seguintes, foi se consolidando como a maior promessa do nosso futebol em vários anos, a ponto de chegar a dezembro com um contrato assinado com o Real Madrid (para quando completar 18 anos, em 2024). Mesmo sem ele, o Verdão não apenas voltou à decisão como levantou a taça pela segunda vez consecutiva. Conheça a seguir quem foram os principais destaques da Copinha em 2023. Nenhum deles está no time escolhido por jornalistas para representar o Brasil no Mundial de 2026. Quem sabe na Copa de 2030... ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ADYSON, 17 ANOS (AMÉRICA-MG)

Melhor jogador do Coelho na final, o ponta deu trabalho à marcação palmeirense. Esbanjou habilidade e foi para cima. Essa ousadia rendeu o pênalti que resultou no empate. Ao longo da competição, marcou três gols e deu duas assistências.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

IVONEI, 20 ANOS (SANTOS)

Com quatro gols e duas assistências em seis jogos, foi o Menino da Vila desta edição. Chegou a ser sondado por clubes da Europa e ganhou novamente uma chance entre os profissionais do Peixe.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

HENRI, 20 ANOS (PALMEIRAS)

O Verdão alcançou o bicampeonato com boas revelações em todos os setores do campo. Na defesa, o grande nome foi o zagueiro e capitão de incrível capacidade de liderança. Não à toa, foi ele quem levantou o caneco.

PEDRO ERNESTO GUERRA AZEVEDO/SANTOS FC

LUAN CAMPOS,
20 ANOS (AMÉRICA-MG)

O Santos de Ivonei caiu nas semifinais do torneio para o América-MG de Luan Campos, no jogo em que o meia do time mineiro arrasou com três gols. Muita explosão, físico e habilidade marcaram sua campanha. Na final, porém, ele não conseguiu se destacar tanto quanto o companheiro Adyson.

MURILLO, 20 ANOS (CORINTHIANS)

Apesar de uma campanha decepcionante, o Timão, o maior campeão da Copinha, revelou o forte e explosivo zagueiro. Detalhe: ele tem qualidade também com a bola no pé — arrisca passes verticais que auxiliam na construção de jogo. Alçado ao profissional, logo deve ganhar oportunidades no time principal.

RODRIGO GAZZANEL/AG. CORINTHIANS

RIQUELME, 19 ANOS (FORTALEZA)

Seguro na defesa e, principalmente, forte no ataque. Assim jogou o lateral da equipe cearense. Decisivo, participou de três gols e três assistências em sete jogos com a camisa tricolor.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

PEDRO ERNESTO GUERRA AZEVEDO/SANTOS FC

PEDRO LIMA,
19 ANOS (PALMEIRAS)

Outro destaque do campeão, controlou o meio de campo e mostrou ser o cérebro da equipe. Começou na Academia como primeiro volante, jogou de segundo volante e, na Copinha, foi até meia de criação.

MARCELO AJUL,
20 ANOS (SPORT)

O rubro-negro pernambucano chegou até as quartas de final graças à boa defesa, que levou somente três gols na competição. Destaque da equipe, ele mostrou qualidade nos passes, acelerando com classe a saída de bola. Tem imenso poder de adaptação para jogar como zagueiro e lateral.

KEVIN, 20 ANOS (PALMEIRAS)

Eleito craque da Copinha 2023, brilhou e deixou sua marca. Destro, joga como ponta-esquerda e, além da habilidade, mostrou ser eficiente: cinco gols e cinco assistências em oito jogos. O principal motor do ataque vem sendo tratado como mais uma joia pela comissão técnica do Verdão.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

IGOR CYSNEIROS/SPORT RECIFE

RENATO PIZZUTTO/AG. PAULISTÃO

NÃO TEM PARA NINGUÉM

Messi é tão talentoso que nem parece humano, e já tem uma Copa para chamar de sua. Maradona é um deus na Argentina. O debate não é proibido, mas PLACAR pode afirmar: Pelé é o maior da história

Luiz Felipe Castro

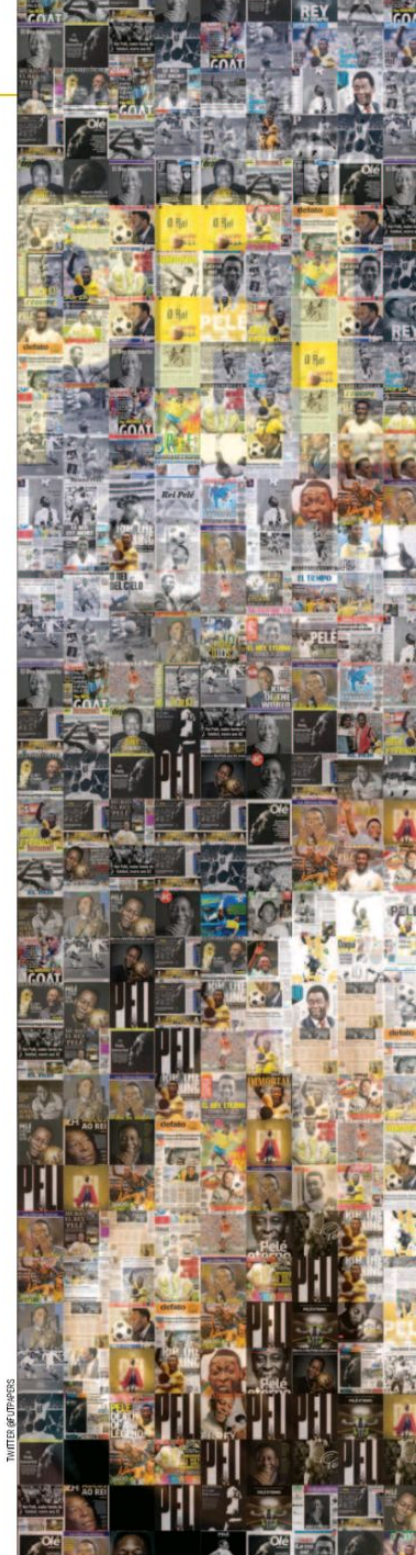
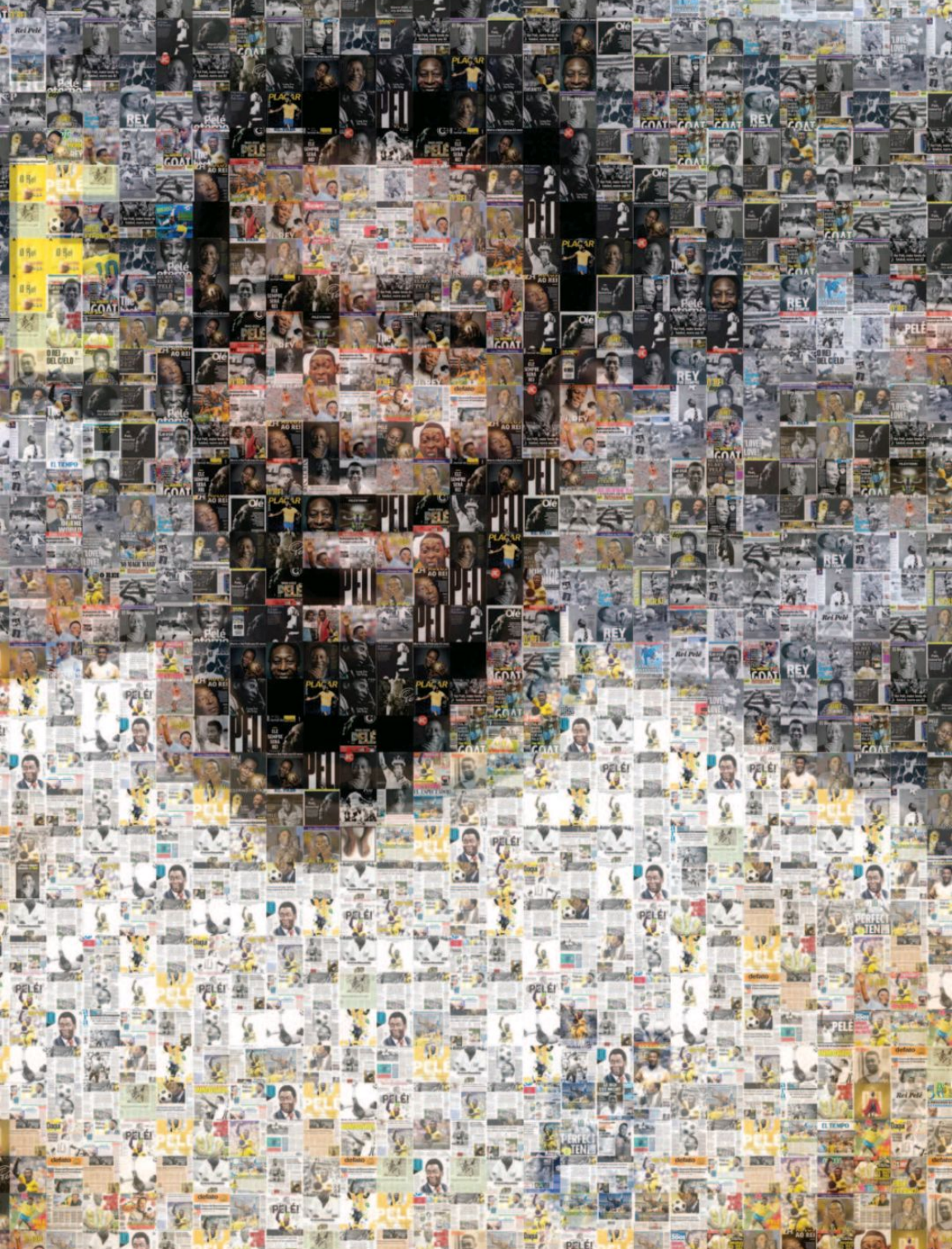
Pelé tinha uma maneira espirituosa de driblar os constantes questionamentos vindos do Rio da Prata sobre quem é o maior jogador de futebol de todos os tempos: "Os argentinos já me compararam com Di Stéfano, depois com Sivori, Maradona e agora Messi. Eles primeiro têm de decidir quem é o melhor entre eles para depois competir comigo". A morte do Rei, aos 82 anos, em 29 de dezembro do ano passado — se é que Pelé morre —, e a taça erguida por Messi no Catar reviveram a máxima do eterno camisa 10. Na Argentina, a conquista do canhotinho do PSG fez o tango desandar. Diego Armando Maradona, que morreu em 2020, é cultuado como um deus, e será sempre difícil tirá-lo da torre de marfim. Mas o que Messi fez no deserto catari foi coisa grande, e aos 35 anos ele pode, sim, ter deixado Maradona de lado. Tudo somado, há um problema no país vizinho, e que eles tratem de resolvê-lo — ou não.

Nós, no Brasil, estamos resolvidos: é Pelé, e ponto. Um modo de medir a dimensão de sua inigualável grandeza — para além das três Jules Rimet e mais de 1 000 gols, um gênio inspirado e inspirador — é relembrar da comoção mundial em torno de sua passagem, associada ao carinhoso funeral em Santos. Quem, hoje, produziria tantas capas de jornal, como se vê na montagem aí ao lado? Ninguém, nem mesmo um papa emérito — Bento XVI faleceu em 31 de dezembro, dois dias depois de Pelé, e não foi tão chorado na imprensa.

Convém ressaltar, agora mais do que nunca, depois do feito de Messi na Copa de 2022, que compará-lo a Pelé já não é crime de lesa-pátria, embora seja indevido. Um passeio pelos argumentos a favor e contra o embate do *diez* e do dez é interessante demais para ser desdenhado — é discórdia que vale a pena ser dissecada, ainda que o resultado, reafirme-se com convicção, dê a vitória a Pelé, e fim de papo. Mas PLACAR sempre gostou de mexer nesse vespeiro. Em maio de 2012, a provocativa reportagem de Gian Oddi e Rodolfo Rodrigues sobre o "duelo dos deuses" avisava: "Pela primeira vez na história surge um jogador cujos feitos tornam possível uma comparação com Pelé". A revista previa que Messi pudesse alcançar os 762 gols de Pelé aos 37 anos, mesma idade com que o brasileiro pendurou as chuteiras jogando pelo New York Cosmos, dos EUA, clamando por "love, love, love". Não era uma aposta óbvia,

Montagem feita com as capas de jornais de todo o mundo publicadas no dia seguinte à morte do Rei: comoção

TWITTER @FUTPAPERS

Rei Pelé
PLACAR
GOAT
REY
PELÉ
AO REI
Olé
O REI DEL CIELO
EL TIEMPO
LOVE LOVE
PELÉ!
PERFECT TEN
defato

visto que o argentino estava bem distante do Rei tanto nas estatísticas quanto na relevância de suas marcas. Além disso, o senso comum fazia crer que La Pulga, então com 25 anos, estaria vivendo o esplendor de sua forma, para depois experimentar uma queda natural, como ocorre com todos os jogadores. Não foi o que aconteceu. Sem nenhuma lesão grave na carreira, o atleta do Barcelona, hoje no PSG, desenvolveu sua faceta mais goleadora e se manteve sempre em altíssimo nível *(acompanhe no quadro abaixo)*. Messi marcou mais de cinquenta gols em um mesmo ano nove vezes. Ronaldo e Romário, a título de comparação, só alcançaram o feito uma vez. Pelé alcançou meia centena de bolas anuais na rede em sete oportunidades. Em fevereiro, o argentino conquistou sem surpresa alguma o prêmio de melhor do mundo da Fifa pela sétima vez (2009, 2010, 2011, 2012, 2015, 2019 e 2022). Exaltá-lo é chover no molhado, ainda mais depois de um título mundial incontestável, com gols em todos os jogos do mata-mata, sendo dois na final contra a França, uma das mais eletrizantes de todos os tempos. Messi é puro talento e genialidade, tem a fúria dos grandes matadores e a generosidade e visão dos melhores garçons. Além disso, é uma figura afável. Exatamente como foi Pelé em seu tempo — e é aí é que entram os pontos centrais da discussão.

O brasileiro fez tudo o que fez, mais vezes e antes de todo mundo. O

ARTILHARIA PESADA

Os três maiores gênios da bola aliaram criatividade com um impressionante faro de gol. Messi, aliás, superou todas as expectativas. Na comparação inaugural de 2012, PLACAR acreditava que o argentino sofreria uma queda natural ao se aproximar dos 30 anos, mas não foi o que aconteceu. O craque de Rosário se manteve imparável, sem lesões graves nem más fases, e ultrapassou Pelé em gols nos chamados jogos oficiais ainda em 2021. Vale ressaltar, porém, que a conta — utilizada por ser a melhor forma de padronização — exclui jogos históricos da carreira do Rei, como o das excursões internacionais do Santos. Ao todo, contando amistosos e jogos festivos, o brasileiro somou 1283 bolas na rede em 1372 jogos (média de 0,93 por jogo, acima do 0,79 de Messi na conta oficial)

TEMPORADA >		1	2	3	4	5	6	7	8	9
PELÉ >	Ano	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965
	GOLS*	43	75	63	38	62	54	52	54	72
MESSI >	Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
	GOLS*	0	3	12	31	22	41	60	59	91
MARADONA >	Ano	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985
	GOLS*	17	28	29	52	29	13	16	17	25

* Foram considerados apenas os chamados "gols relevantes" — pela seleção, em jogos oficiais e amistosos; pelos clubes, apenas as partidas oficiais, em campeonatos, sem excentricidades como os jogos de Pelé pelas equipes do Exército ou da Guarda Costeira e os de Messi pelos times B e C do Barcelona

FOTOS: DENIS DOYLE; LEMYR MARTINS; FOCUS ON SPORT; BUDA MENDES; ETSUO HARA

maior pecado de Pelé? Ter tido seus arrebatadores feitos pouco documentados, numa era pré-redes sociais, em que a televisão vivia a infância. Basta dizer que os mais belos de seus gols (o dos três chapéus diante do Juventus na Rua Javari, em 1959, e o gol contra o Fluminense, enfileirando marcadores, que lhe rendeu uma placa no Maracanã em 1961) não têm registros em vídeo. Ainda assim, só com o que foi eternizado nos arquivos, como os gols em Copas, Libertadores e Mundial Interclubes, já seria suficiente para levá-lo aos céus do panteão. Enquanto Messi só chegou ao título mundial na quinta tentativa, para lá de trintão, Pelé o fez de primeira, aos 17 anos, com direito a um gol na final de 1958 afeito a virar moldura em museu *(leia na pág. 64)*.

Como Pelé, não esqueçamos, fez tudo na frente dos outros, é o caso de afirmar que a atuação de Messi no Catar fez lembrar, na verdade, o tri de Pelé no México: um camisa 10 maduro, cerebral, capaz de brilhar intensamente com simples toques de genialidade, sem correr, enxergando o que outros não são capazes. Não por acaso, como confirmação dessa evidência, logo de-

10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	TOTAL
1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	
19	24	34	47	19	8	14	25	16	7	19	17	762
2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023**	2024	
45	58	52	59	54	51	50	27	43	35	5		798 ✓
1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	
20	22	26	12	19	4	4	3	2	3	2	2	345

** Até o dia 26 de fevereiro

Fontes: *Rodolfo Rodrigues e FutDados*

pois da morte de Pelé circulou um vídeo que mata a charada. O título: *"Pelé did it first"*. É um magistral compilado de lances de craques do presente com movimentos praticamente idênticos aos feitos pelo Rei décadas antes. Tem elástico, bicicleta, toque de letra, tem de tudo. Como bem lembrou Neymar, na homenagem póstuma ao grande incentivador, "antes de Pelé o 10 era só um número". Depois, virou sinônimo de "craque do time".

Eleger o maioral — o *Goat* (acrônimo para *greatest of all time*, o maior de todos os tempos) — é escolha de tom subjetivo, de coração, e nesse aspecto Pelé é Pelé, e não há mais nada a dizer. Não basta beber da estatística, ferramenta fundamental, mas que nem sempre estabelece verdades e certezas absolutas. Senão, vejamos. Um erro comum entre os mais jovens é medir o passado com a régua do presente. Recentemente, um canal americano causou alvoroço ao apontar o que seriam os pontos fracos da carreira de outros mitos: Maradona não tem Copa América, Ronaldo Fenômeno não ergueu a Liga dos Campeões, Cristiano Ronaldo não venceu a Copa do Mundo... e Pelé não jogou na Europa, como se isso fosse algum demérito. Ora, bastaria uma simples pesquisa para entender quão tolo e eurocentrista é esse argumento. Nas décadas de 60 e 70 era incomum atletas sul-americanos se transferirem para o estrangeiro. Além disso, o Brasil tinha a liga mais qualificada do planeta, e, com a renda obtida nas excursões para o exterior e contratos publicitários, o Santos era capaz de manter não só Pelé, mas outras estrelas da seleção, como Zito e Pepe. Até mesmo o peso das competições mudou. Enquanto o PSG de Messi, Neymar e Mbappé briga desesperadamente para vencer sua primeira Liga dos Campeões, o Santos de Pelé tinha como prioridade, acredite se quiser, o Campeonato Paulista, cuja taça foi erguida pelo Rei em dez ocasiões. A Libertadores era relevante, mas, depois de conquistar a América em 1962 e 1963 e cair nas semifinais nos dois anos seguintes, em jogos controversos contra Independiente e Peñarol, o Santos abriu mão de disputar as edições de 1966, 1967 e 1969, mesmo estando classificado.

E assim, comparando o incomparável, muita gente séria deu bola fora. Uma das mais gritantes veio de uma coirmã de PLACAR, a revista inglesa *FourFourTwo*. Em outubro do ano passado, antes mesmo de Messi se consagrar em Doha, uma eleição da publicação colocou Messi, Maradona e Cristiano Ronaldo nos três primeiros postos do elenco de *Goat*. Pelé ficou apenas em quarto. Os eleitores são profissionais jovens, que provavelmente se encantaram com o Napoli de Maradona nos domingos de *calcio* na TV ou nem eram nascidos, e que não têm a menor dimensão do que foram aquele Santos de Pelé e a seleção a caminho do tri. Há hoje poucas almas que vivenciaram e mantêm lembranças de Pelé. Dois deles, porém, surgem como fortíssimos "advogados" do Rei, justamente pelo fato de serem argentinos. César Luis Menotti, técnico alviceleste na conquista da Copa de 1978, e ex-atacante com breve passagem por Santos e Juventus da Mooca, sempre apontou o brasileiro como o maior da história e se manteve firme no adeus ao amigo. "Para mim, foi o maior, único e incomparável. Era como se unisse as qualidades de todos os craques em um só. Além das virtudes técnicas, tinha um físico muito privilegiado. Não houve ninguém como ele", disse Menotti, de 84 anos, com a voz embargada em entrevista à TV argentina. Outro cele-

INSTAGRAM @TOFMICHELI

O argentino, em janeiro, ao voltar para o PSG, depois da Copa: camisa em homenagem ao brasileiro

SÓ O REI GANHOU TRÊS COPAS

Na última comparação entre os currículos de Pelé e Messi, em 2020, PLACAR já avisava: só faltava a Copa do Mundo ao argentino. Não falta mais. De quebra, o gênio de Rosário ainda abocanhou uma Copa América e mais duas taças pelo PSG e abriu vantagem. E Maradona? Na disputa de títulos relevantes, respeitando os contextos da cada época, Dieguito fica longe

FOTOS: LEMYR MARTINS; RODRIGO JIMÉNEZ/EFE; BONGARTS/GETTY IMAGES

		PELÉ		MESSI		MARADONA	
COMPETIÇÃO	**VALOR**	TÍTULOS	SUBTOTAL	TÍTULOS	SUBTOTAL	TÍTULOS	SUBTOTAL
Copa do Mundo	50	3	150	1	50	1	50
Copa América	25	0	0	1	25	0	0
Mundial/Interclubes	25	2	50	3	75	0	0
Libertadores	25	2	50	0	0	0	0
Liga dos Campeões	25	0	0	4	100	0	0
Liga nacional (BRA, ARG, ESP, FRA, ITA)	15	6	90	11	165	3	45
Copas nacionais (do Rei, Itália e França)	10	0	0	7	70	2	20
Supercopa nacional	5	0	0	8	40	2	10
Supercopa continental	5	1	5	3	15	0	0
Recopa intercontinental	5	1	5	0	0	0	0
Copa da Uefa (Liga Europa)	10	0	0	0	0	1	10
Campeonato estadual	10	10	100	0	0	0	0
Rio-São Paulo	5	3	15	0	0	0	0
TOTAL			465		540 ✓		135

MANOEL MOTTA

A despedida em 1974, na Vila: o 10 voltaria a jogar pelo Cosmos, de Nova York, mas fez toda a sua carreira inigualável pelo Santos

brado treinador talvez tenha ainda mais propriedade ao tratar do assunto: Alfio Basile, de 79 anos, enfrentou Pelé em seus tempos de zagueiro do Racing e dirigiu Maradona e Messi na seleção. "El Negro chutava igualmente bem com a esquerda e com a direita, driblava para os dois lados, parava no ar para matar no peito (...)", disse Basile, anos atrás. Ele destacou, ainda, que Pelé era *guapo y malo*, no sentido de ser malandro e até mesmo maldoso quando o jogo pedia. "Pelé sabia bater, quebrou uns três ou quatro. Não podíamos irritá-lo porque, se ele ficasse bravo, ninguém segurava."

As comparações entre gerações são sempre traiçoeiras. Nos Estados Unidos, está cada vez mais quente o duelo dos fãs de LeBron James e Michael Jordan pelo trono do basquete, ainda que a imensa maioria que tenha assistido a ambos prefira, de longe, o lendário camisa 23 do Chicago Bulls. No futebol, os defensores de Messi e Maradona argumentam que os argentinos brilharam em um contexto mais exigente, com espaços reduzidos, marcadores mais fortes e bem preparados. Por outro lado, contudo, é um equívoco ignorar que Pelé atuou em gramados ruins, com pouca assistência tecnológica e até mesmo a regra jogando contra (na época, não havia cartão amarelo, o que aumentava a incidência de botinadas em campo).

Desde 2012, por uma questão de isonomia, PLACAR tem contabilizado na disputa numérica apenas os chamados gols oficiais de Pelé. De fato, do total de 1 282 gols documentados, há centenas de lances banais, como os tentos marcados pelas Forças Armadas ou pelo Sindicato dos Atletas. Mas atenção, porque, entre outros descartados da lista, há golaços em partidas como Real Madrid 5 x 3 Santos, no Santiago Bernabéu, em 1959, no único embate entre Pelé e Alfredo Di Stéfano, o primeiro dos argentinos a postular o trono de maior da história. Naquela excursão, o Peixe ainda goleou a Inter de Milão por 7 a 1 e o Barcelona do brasileiro Evaristo de Macedo por 5 a 1. Eram amistosos, mas valiam muito. Ou seja: estatística é bom, mas pode ser um mal. Serve como régua, mas não pode ser o único instrumento de aferição para um esporte tão bonito quanto o futebol.

Resumo da ópera: Maradona foi brilhante e não pode ser esquecido. Messi é tão genial que nem parece humano. Mas Pelé só tem um e será eterno. ■

VAI FICAR AINDA MAIS DIFÍCIL

O novo formato do Mundial de Clubes a partir de 2025, com 32 equipes, doze delas da Europa, tornará quase impossível o sucesso de times sul-americanos. A discrepância financeira é o obstáculo

O choro de Gabigol contra o Al-Hilal: adversário rico e muito bem montado

CHRIS BRUNSKILL/GETTY IMAGES

Leandro Miranda

Houve um tempo em que, passados os festejos e a euforia que vêm com a conquista de uma Libertadores, a questão seguinte na cabeça do torcedor era, inevitavelmente: "E agora, será que vamos vencer o campeão europeu e conquistar o título mundial?". Não era nenhum sonho: a possibilidade era bem concreta, real. Em tempos recentes, a pergunta foi gradativamente mudando para "e agora, será que conseguiremos não fazer feio contra o campeão europeu?". Talvez já esteja na hora de trocar de novo, dessa vez para "e agora, será que conseguiremos chegar à final e ter a chance de jogar contra o campeão europeu?".

Os fatos são duros: nas últimas dez semifinais de Mundial de Clubes, em cinco os times sul-americanos foram superados por equipes de nações tidas, historicamente, como a periferia do planeta bola. Se ampliarmos o recorte para incluir a vexatória derrota do Internacional para o congolês Mazembe, em 2010 — a primeira vez em que o representante da Conmebol não conseguiu chegar à final —, o número é de seis eliminações sul-americanas nas últimas treze edições. Afinal, o que está acontecendo com o futebol daqui?

É tentador procurar uma única razão para as seguidas decepções, talvez denunciando a decadência de um suposto "estilo sul-americano" — e, a partir daí, é fácil abrir o leque das teorias e explicações para incluir também o futebol de seleções. Afinal, antes do triunfo da Argentina na Copa do Mundo de 2022, as quatro edições anteriores haviam consagrado europeus (Itália 2006, Espanha 2010, Alemanha 2014 e França 2018), e o Brasil não levanta a mais cobiçada das taças desde o penta, em 2002. Talvez a realidade seja um pouco mais complexa.

Analisando cada um dos seis tropeços nas semifinais, fica claro que cada jogo tem sua história. Houve os duelos em que os favoritos jogaram melhor, tiveram chances e poderiam ter vencido, mas a bola não entrou: foi o caso do Inter, que deu dezoito chutes contra o gol do Mazembe em 2010, e do colombiano Atlético Nacional, que consa-

GASTON SZERMANN/GETTY IMAGES

Tigres de Gignac, algoz do Palmeiras: investimento de um gigante do cimento mexicano

grou o goleiro japonês Sogahata na derrota por 3 a 0 para o Kashima Antlers em 2016. Também aconteceu de as equipes não estarem em um bom dia, jogarem mal, nada dar certo, como na derrota por 3 a 1 do Atlético Mineiro para o marroquino Raja Casablanca em 2013, com o time — que já havia vencido a Libertadores na bacia das almas — desnorteado pelo anúncio de Cuca de que não permaneceria após o Mundial. Roteiro parecido aconteceu com o River Plate em 2018, quando os argentinos sofreram vinte finalizações contra o Al-Ain, dos Emirados Árabes, e caíram nos pênaltis após empate por 2 a 2.

E houve jogos em que o time adversário simplesmente não era tão inferior assim. As duas últimas eliminações envolveram os melhores times brasileiros dos últimos anos, com o Palmeiras caindo diante do Tigres, do México, na edição de 2020, por 1 a 0, e o Flamengo sendo a última vítima com a derrota por 3 a 2 contra o saudita Al-Hilal, em jogo condicionado pela expulsão de Gerson ainda no primeiro tempo. Em ambos os casos, os rivais eram equipes financeiramente poderosas, com grandes jogadores no auge de sua carreira. Vexames?

O Al-Hilal, por exemplo, tem um faturamento que o colocaria entre os três maiores do Brasil, segundo levantamento do jornalista Rodrigo Capelo — justamente no patamar de Palmeiras e Flamengo. O atacante malinês Moussa Marega, ex-Porto, de Portugal, tem um salário que supera os 2 milhões de reais por mês. Há vários atletas com experiência internacional, na melhor fase da carreira ou ainda em boa forma, como o meia argentino Vietto, o volante colombiano Cuéllar, o ponta peruano Carrillo e o centroavante nigeriano Ighalo. Juntos, custaram quase 30 milhões de euros.

O Tigres, algoz do Palmeiras há dois anos, também investe pesado. Turbinado pelo dinheiro da Cemex, uma das maiores fabricantes de cimento do mundo e que administra o futebol do clube, o time mexicano tem um jogador do quilate do centroavante André-Pierre Gignac, ex-seleção francesa, que veio do Olympique de Marselha em 2015, logo após ser vice-artilheiro do campeonato nacional, à frente de nomes como Ibrahimovic e Cavani. Contratações como a do

MICHAEL REGAN/FIFA/GETTY IMAGES

O Internacional chutou dezoito vezes contra o gol do Mazembe, em 2010, mas perdeu: nem com reza forte os gaúchos chegariam à final

zagueiro Salcedo, do volante Pizarro, do ponta Aquino e do atacante Nico López custaram, ao todo, 31 milhões de euros.

É claro que times como o Al-Hilal e o Tigres, que conseguem competir com os gigantes brasileiros pelo poder financeiro, são exceções. Mas, mesmo desconsiderando esses pontos fora da curva, a melhora no nível do jogo nos continentes historicamente desprezados futebolisticamente é notória. Profissionalismo, organização, evolução técnica e tática — a globalização afeta os clubes e seleções de todos os cantos do planeta. A Copa do Mundo, com a vitória da Arábia Saudita sobre a futura campeã Argentina — com um time, aliás, cuja base era de jogadores do Al-Hilal —, mostrou que, mais do que nunca, o favorito não pode se dar ao luxo de ter um dia ruim no ultracompetitivo futebol atual.

O cenário aponta muito mais para uma aproximação do pelotão de trás, formado pelos principais clubes de Ásia, África e América do Norte, do que para uma decadência da América do Sul. Alheios a tudo isso, os europeus nadam de braçada. Mesmo eventualmente jogando abaixo do que podem, sem dar ao Mundial a mesma importância que outros continentes, costumam levantar a taça com mínimo esforço — triunfaram nas últimas dez edições. O último campeão sul-americano foi o Corinthians de Tite, em 2012, e o próprio treinador já admitiu que o jogo foi parelho porque o Chelsea não era um dos melhores times da Europa à época. Ainda assim, Cássio foi o melhor em campo.

Não se trata de “vira-latismo”, mas de realismo e de, em certa medida, constatar o óbvio: o cenário econômico do futebol concentra praticamente todos os talentos de elite do mundo em poucos superclubes europeus. E eles vão cada vez mais cedo, como vimos com as recentes vendas milionárias de promessas brasileiras como Vinicius Junior e Endrick, antes mesmo de completarem a maioridade. A Europa está anos-luz à frente no futebol de clubes porque é a única que bebe da fonte de todo o planeta.

Com a mudança prevista pela Fifa para 2025 no formato do Mundial, com 32 clubes, sendo doze deles europeus e seis da Conmebol, a chance de título para os sul-americanos fica praticamente nula. As duas próximas edições, ainda com sete clubes, podem ser a derradeira chance de sucesso. Oxalá. ■

CHRIS BRUNSKILL LTD/GETTY IMAGES
O Atlético-MG de Ronaldinho chegou aos trancos e barrancos contra o Raja: fracasso

ALEXANDRE BATTIBUGLI
O Corinthians campeão mundial em 2012: Tite admitiu a crise do Chelsea

PEDRO SALADO/QUALITY SPORT IMAGES/GETTY IMAGES

CARTÃO VERMELHO

Denúncias gravíssimas de estupro e violência sexual contra Daniel Alves e outros boleiros impõem debate sobre limites, protocolos e punições

Luiz Felipe Castro

DANIEL ALVES
ANO: 2022
ACUSAÇÃO: agressão sexual
STATUS: preso preventivamente

Ele foi acusado por uma mulher de 23 anos de tê-la agredido e estuprado no banheiro de uma casa noturna de Barcelona em 30 de dezembro de 2022. O lateral deu três versões diferentes e contraditórias (uma delas, de que a relação foi consensual) antes de ser detido sem a possibilidade de fiança e teve seu contrato com o Pumas, do México, imediatamente rescindido.

Assim como a maioria dos atuais pop stars da bola, Daniel Alves, 39 anos, tem o corpo coberto por tatuagens. São dezenas de traçados dos mais variados tipos e temáticas: Jesus Cristo, aros olímpicos, uma gaiola, uma rosa e até o próprio nome, imenso, cravado no peito. Como nota de ironia, foi o mais escondido dos desenhos que contribuiu para complicar a situação na qual ele próprio se instalou e que subitamente o transformou de atleta admirado no mundo todo em um homem suspeito de ter cometido estupro, um dos mais execráveis crimes perpetrados contra as mulheres.

Ele está preso na penitenciária Brians 2, na Catalunha, acusado de ter violentado uma mulher de 23 anos em uma casa noturna de Barcelona, a badalada boate Sutton. Em seu depoimento, Alves se complicou ao falar de uma discreta meia-lua tatuada entre sua cintura e a região genital citada pela suposta vítima. O futebolista negou inicialmente ter tido relação sexual com a moça. Mas ela descreveu com detalhes a marca na pele, entre o abdome e o pênis, o que só poderia ter acontecido se o brasileiro estivesse sem rou-

ROBINHO
ANO: 2013
ACUSAÇÃO: estupro coletivo
STATUS: condenado

Em 2022, foi condenado em última instância pela Justiça italiana a nove anos de prisão por participação em um estupro contra uma jovem albanesa em uma casa noturna de Milão. Ele diz que os atos foram consensuais e segue vivendo em liberdade em Santos (SP), pois o Brasil não extradita seus cidadãos.

MARCO LUZZANI/GETTY IMAGES

pa. Foi a primeira das mentiras e contradições.

O episódio aconteceu em 30 de dezembro de 2022. A mulher contou ter sido levada ao camarote de Alves a convite de um atendente da casa. No local, o jogador passou a cortejá-la, sem sucesso. Depois, ainda segundo o depoimento, ele pôs repetidamente a mão da moça em seu órgão e a conduziu ao banheiro, onde lhe deu tapas, forçou sexo oral e depois a estuprou. As câmeras de segurança comprovaram que os dois permaneceram quinze minutos no banheiro. O jogador deu três versões para o que teria acontecido. A um canal de TV, Alves, que é casado com a modelo espanhola Joana Sanz, disse desconhecer a denunciante. Já no tribunal, primeiro alegou que foi a jovem quem invadiu o banheiro onde ele estava e tentou seduzi-lo. Por fim, admitiu a relação carnal, mas garantiu se tratar de um ato "consensual". Entre as idas e vindas do relato, o atleta afirmou que estava sentado no vaso sanitário quando a moça teria se jogado sobre ele. Em seu depoimento, no entanto, a denunciante descrevera a meia-lua. Alves, ao saber da informação, se desdisse novamente: ele teria se levantado e, por isso, a tatuagem tornara-se visível. A troca de narrativas e o risco de fuga para o Brasil motivaram a juíza Maria Concepción Canton Martín a decretar a prisão preventiva do jogador.

Entre os ídolos globais do esporte, essa é a detenção mais ruidosa desde que o pugilista americano Mike Tyson foi condenado a seis anos de prisão pelo estupro da modelo Desiree Washington, em 1992 — agora, ele enfrenta outra denúncia, feita por uma mulher que diz

MAURO PIMENTEL/AFP

NEYMAR
ANOS: 2016 e 2019
ACUSAÇÕES: assédio sexual e estupro
STATUS: casos arquivados

Uma funcionária da Nike o acusou de tentar forçá-la a fazer sexo oral em um hotel de Nova York. O caso, de 2016, só veio à tona em 2021, quando a marca justificou o fim do contrato com o astro, pois Neymar não teria colaborado com as investigações. Em 2019, a Justiça brasileira concluiu que a modelo Najila Trindade mentiu ao denunciar estupro em um hotel de Paris.

CRISTIANO RONALDO
ANO: 2009
ACUSAÇÃO: estupro
STATUS: caso arquivado

A modelo americana Kathryn Mayorga denunciou ter sido abusada pelo astro português em Las Vegas. Ela já havia recebido 375 000 dólares em acordo para retirar as acusações, mas cobrou nova indenização anos depois. Em 2022, a Justiça dos EUA arquivou o caso por considerar que houve má-fé e violação do processo.

AP

ter sido estuprada pelo boxeador no início dos anos 1990. O caso mais semelhante ao de Alves é o de seu amigo Robinho, condenado pela Justiça italiana por participar de um estupro coletivo. Aposentado forçadamente, com 39 anos, ele segue jogando seu futevôlei nas praias de Santos, em São Paulo, pois o Brasil não extradita seus cidadãos. Recentemente, no entanto, o ministro da Justiça, Flávio Dino, cogitou a possibilidade de Robinho cumprir sua pena no Brasil.

Um debate se impõe diante de casos inaceitáveis: o que leva boleiros consagrados a se envolver em tantas confusões e, eventualmente, em crimes? Robinho, por sinal, é reincidente. Em 2009, uma denúncia de agressão sexual contra o ex-jogador feita por uma jovem inglesa ganhou manchetes no mundo todo, mas acabou engavetada. Na verdade, há um denominador comum entre as histórias. Em geral, os envolvidos são jovens de origem humilde, com pouca instrução e que, de uma hora para outra, passam a ganhar fortunas. As circunstâncias criam um mundo ilusório feito de facilidades, tentações e uma sensação despropositada de poder.

É o ambiente perfeito para comportamentos desprovidos de freios éticos alimentados por narcisismo. Apropriar-se do corpo de uma mulher, nesse raciocínio perverso, passa a ser um direito. “A lógica da violência contra a mulher está muito pautada na objetificação do corpo feminino e na dominação”, diz Mayra Cardozo, advogada especialista em violência de gênero. “Quanto mais fama e dinheiro, o limite do que pode ou não pode

ALESSANDRO BUZAS/FOLHAPRESS

BRUNO FERNANDES
ANO: 2010
ACUSAÇÕES: homicídio triplamente qualificado, sequestro e ocultação de cadáver
STATUS: condenado

O então goleiro do Flamengo foi condenado a vinte anos e nove meses de prisão pela participação no assassinato de Eliza Samudio, mãe de um de seus filhos, em um dos casos mais famosos de feminicídio do país. Em 2019, ele obteve progressão da pena para regime semiaberto e desde então chegou a passar brevemente por diversos clubes pequenos do país.

FRANCK FIFE/AFP

KARIM BENZEMA
ANO: 2010
ACUSAÇÃO: prostituição de menor
STATUS: caso arquivado

O astro francês do Real Madrid e seu então colega de seleção Franck Ribéry foram acusados de solicitar os serviços de Zahia Dehar, uma garota de programa que à época tinha apenas 16 anos. Benzema negou ter tido relações sexuais, enquanto Ribéry alegou que não sabia que a jovem era menor de idade. Ambos acabaram absolvidos.

tende a ser mais banalizado." No futebol, contam ainda a força do machismo e a da misoginia, também muito presentes. Criminosos que habitam esse universo tendem a achar que estão acima da lei. "Muitas vezes, pessoas abusam de seu poder econômico, cargo e posição social como se isso fosse um obstáculo à aplicação da lei", explica Gabriela Manssur, advogada e ex-promotora de Justiça. No caso de Alves, houve um fator decisivo para a tomada de medidas. A boate em questão cumpriu à risca o protocolo de atuação em denúncias do tipo. Ou seja, prontamente avisou às autoridades responsáveis e facilitou o acesso a filmagens e testemunhas. A vítima foi levada a um hospital de referência, onde foi produzido um laudo médico constatando lesões compatíveis com a denúncia, além de restos de líquido seminal. A câmera acoplada ao uniforme do primeiro policial a atendê-la ainda ajudou a provar a consistência de seu discurso.

A Espanha é um dos países mais avançados no combate à violência sexual. No ano passado, passou a vigorar por lá uma lei, chamada popularmente de "Só sim é sim", com novas definições sobre o que configura a permissão da mulher. O trecho principal da legislação afirma que "só se entenderá que há consentimento quando este tiver sido livremente expresso por meio de atos que, diante das circunstâncias do caso, expressem claramente a vontade da pessoa". Ou seja, uma agressão sexual não implica necessariamente uso da força ou resistência da vítima, pois sua passividade pode ser condicionada por intimidação ou ingestão de álcool e drogas. A mudança é um divisor de águas. "Regulamenta um paradigma que pode servir de inspiração para muitos países", diz o advogado Alamiro Velludo Salvador Netto. Alves contratou como defensor Cristóbal Martell, que já defendeu Messi e o Barcelona em casos tributários. Seu recurso para que o atleta responda em liberdade, alegando inocência, tinha sido negado até o fim de fevereiro, sobretudo depois de testes de DNA identificarem sêmen do lateral no corpo da denunciante e no banheiro da boate. Se condenado, Daniel Alves pode pegar até doze anos de prisão. Mais do que isso, pode atestar a chegada de um tempo em que, definitivamente, numa relação, não é não e só sim é sim. ■

OLI SCARFF/AFP

RYAN GIGGS
ANO: 2020
ACUSAÇÃO: violência doméstica
STATUS: aguarda julgamento em liberdade condicional

O ex-atacante galês foi acusado de agredir sua ex-namorada e a irmã dela com cabeçadas e cotoveladas. Ele nega. Giggs chegou a ser preso e solto posteriormente após pagar fiança. O primeiro julgamento foi inconclusivo e um novo está marcado para julho deste ano.

Fortaleza Esporte Clube, a relação com Luxemburgo, a curta temporada no Japão e mais; Confira entrevista de Yago Pikachu ao Cast FC

INFORME PUBLICITÁRIO

Em mais uma temporada itinerante, o Cast FC, sob o comando do apresentador Rodrigo Raposo, esteve no Ceará, em Fortaleza, para uma série de entrevistas e uma delas foi com Glaybson Yago Souza Lisboa, mais conhecido pelo apelido de Pikachu, na sala de imprensa do Fortaleza Esporte Clube, time onde ele atua como jogador.

Em 2021, Pikachu foi contratado pelo Fortaleza, onde vem atuando como titular na equipe comandada pelo técnico argentino Juan Pablo Vojvoda, que também foi um dos nossos entrevistados nessa temporada. Para o Cast FC, Pikachu falou sobre o momento atual da carreira, a curta passagem pelo futebol japonês e sua relação com a torcida do Fortaleza.

"Eu sempre falo que os times ali do Sul e Sudeste podem ter maiores torcidas por causa dos números. Todo jogo que tem no Castelão é uma festa diferente que a nossa torcida proporciona para a gente e também para o mundo todo, como foi na Libertadores", disse Yago Pikachu ao Cast FC. "A festa que a nossa torcida faz, eu acredito que ninguém no Brasil faz não", finalizou o jogador.

Em um determinado momento da entrevista, Rodrigo Raposo, relembra que Pikachu foi eleito o Melhor Lateral-direito do Brasileirão Assaí 2021. "Curiosamente, eu fui eleito o melhor lateral, mas hoje todo mundo me considera atacante", completou. Na histórica campanha recente do Tricolor do Pici, Pikachu foi peça-chave do elenco e, para essa temporada, ele vai em busca do inédito pentacampeonato cearense.

De 2016 a 2020, Pikachu vestiu a camisa do Vasco da Gama. E foi em seu penúltimo ano como jogador no clube carioca, que ele contou com o técnico Vanderlei Luxemburgo. Fato interessante nessa relação, além das incontáveis resenhas, é que no time do Luxa, Yago Pikachu foi titular absoluto, sendo o jogador mais utilizado pelo treinador naquela temporada.

"Quando ele chegou a gente estava na zona do rebaixamento e ali tivemos uma arrancada impressionante, que chegou até brigar por Libertadores, mas no final acabou a gente ficando com a Sul-Americana". O lateral-direito jogou 32 dos 34 jogos em que Luxemburgo dirigiu o time no Brasileirão. Foi também o artilheiro da equipe, com cinco gols.

Recentemente, Pikachu passou 4 meses no futebol japonês, atuando pelo Shimizu S-Pulse, em apenas 11 jogos. "O futebol é diferente, a cultura é diferente, o estilo de jogo é diferente, tudo ao contrário do brasil. não só em termo esportivo, mas em cultura. Eu tive uma dificuldade, acabei indo sozinho no início", disse. Em dezembro de 2022, o Fortaleza anunciou o retorno de Pikachu, por empréstimo até 31 de dezembro de 2023.

Aos 30 anos de idade, o carismático Yago Pikachu é sem dúvida um jogador ímpar, por onde ele passa. Aquele menino, que em 2005, aos treze anos de idade, começa sua trajetória no futebol nas categorias de base do Paysandu, hoje é sinônimo de vitórias por onde passa e ainda tantas outras para conquistar no decorrer da carreira.

A entrevista na íntegra, de Yago Pikachu para o Cast FC, você confere logo abaixo:

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

ROBERTO MACHADO

JOÃO CARLOS ALVAREZ

MIGUEL SCHINCARIOL

UMA FÁBULA CRUZ-MALTINA DE PAIXÃO

O drama doméstico que marcou para sempre a vida de Roberto Dinamite, o maior jogador da história do Vasco da Gama, reverenciado até mesmo pelas torcidas adversárias

Em 8 de janeiro, menos de duas semanas depois da morte de Pelé, o futebol brasileiro foi atingido por outra grande perda: Carlos Roberto de Oliveira, o Roberto Dinamite, não resistiu a um câncer no intestino. Tinha apenas 68 anos — e uma história marcada por glórias com a camisa do Vasco da Gama. Revelado no clube cruz-maltino, subiu para o time principal em 1971 e brilhou com a 10 em 21 dos 22 anos em que jogou como profissional. Marcou 708 gols em 1 110 partidas (só o Rei e o goleiro Rogério Ceni também entraram em campo pelo mesmo time em mais de 1 000 ocasiões). É o maior artilheiro da história do Campeonato Brasileiro (190 bolas na rede) e do Estádio São Januário (deixou sua marca 184 vezes). Depois de pendurar as chuteiras, entrou para a política. Elegeu-se vereador em 1992 e, dois anos depois, conseguiu uma vaga como deputado estadual (posição que ocupou por cinco mandatos consecutivos, até 2015). Foi também presidente do Vasco entre 2008 e 2014. Muito antes disso, quando era um garoto de 18 anos, começando a brilhar pelo clube do coração, apaixonou-se por uma conterrânea no ônibus que o levava de Duque de Caxias (a cidade natal dos dois) até o Rio de Janeiro. Jurema e Roberto viveram juntos por onze anos, enfrentando preconceitos (ela era mais velha e viúva) e quebrando paradigmas (nunca se intimidou e atuava como uma espécie de agente do craque). Quando ela morreu, de insuficiência renal, PLACAR publicou longo texto sobre a bela história de amor. O atacante tinha 30 anos na época e duas Copas do Mundo no currículo — e prometia continuar jogando, o que de fato fez por mais oito temporadas. Em homenagem ao genial Dinamite, respeitado até pelas torcidas adversárias, republicamos aqui aquela reportagem histórica, assinada por um trio dourado de jornalistas.

RODOLPHO MACHADO

O sorriso tímido ao lado de Jurema: onze anos de casamento

A TRISTE DESPEDIDA

A morte acaba uma comovente história familiar, mas Roberto Dinamite continuará correndo atrás da bola

Roberto Benevides, Maria Helena Araújo e Tim Lopes

O herói de 3,5 milhões de vascaínos nunca esteve tão sozinho. Roberto Dinamite dormiu mal a noite de segunda para terça-feira, incomodado por problemas musculares e um forte resfriado. Mas acordou com os eternos cuidados de sua mulher, Jurema. Ela preparou um suco de laranja e levou para o marido na cama. Depois, telefonou para o Vasco e pediu que o médico Válter Martins fosse até o apartamento do casal na sofisticada esquina da Avenida Vieira Souto com Garcia d'Ávila, em Ipanema, para examinar Roberto. Tranquila, mandou os filhos para a escola e começou a preparar-se para ir à Clínica Bambina, em Botafogo, onde passaria por mais uma hemodiálise, purificação artificial do sangue que era obrigada a fazer três vezes por semana desde que, há quase um ano e meio, seus rins deixaram de funcionar, atacados por uma glomerulonefrite crônica, doença que exige um transplante. Jurema trocou a roupa de dormir e jogou-a carinhosamente sobre o marido: "Fique aí com o meu cheirinho". E saiu com a irmã Cidinha.

Eram pouco mais de 11 horas quando tocou o telefone do apartamento de Roberto e o doutor Frederico Ruzzani pediu que ele fosse até a Clínica Bambina, pois Jurema estava com problemas. Roberto, já habituado às recaídas da mulher, não perdeu a tranquilidade. Mas foi rapidamente para a clínica, no carro do médico do Vasco. Lá, na sala do doutor Ruzzani, recebeu a notícia trágica: Jurema morrera durante uma pequena cirurgia para introduzir em seu colo o catéter, um tubo para facilitar a hemodiálise. Roberto foi até o quarto onde estava o corpo dela, soluçou contido, acariciou seu rosto e saiu. Chegava ao fim, num frio quarto de hospital, a bela história de amor iniciada em 1972, num calorento ônibus da linha Caxias-Praça Mauá, entre a viúva Jurema Crispim, 24 anos, mãe do garoto Alexandre, e o garotão Carlos Roberto de Oliveira, 18 anos, noivo de uma moça e namorado de outras quatro.

Ele já era o Dinamite — apelido que ganhara do *Jornal dos Sports* quando marcou contra o Internacional, na noite de 25 de novembro de 1971, seu primeiro gol pelos profissionais do Vasco. Mas ainda não passava de um talento promissor em busca de um lugar entre os titulares. Jurema trabalhava no escritório de um irmão, no centro do Rio de Janeiro. No ônibus em que os dois iam para a batalha diária na cidade grande, aconteceram os primeiros encontros. O namoro, porém, só começaria no Carnaval de 1973, num baile infantil do Clube São Bento, o mesmo clube em que Roberto Dinamite começou a fazer seus gols. Jurema foi ao baile com a irmã Cidinha, que falava sem parar num rapaz que era a nova sensação entre as garotas de Caxias. E Jurema tomou o maior susto quando o viu no baile, cercado de meninas: era ele, o mesmo garoto boa-pinta que já a encantara com os olhares tímidos que lhe dirigia nas viagens

O adeus de Jurema Dinamite

A reportagem de 1984: o relato de um par único

RODOLPHO MACHADO

Em foto para PLACAR, ao marcar o gol de número 500: o inigualável artilheiro do Campeonato Brasileiro, com 190 bolas na rede

de ônibus. Depois do baile, Roberto quis acompanhá-la até a casa. Foi uma festa. O velho Francisco da Silva Crispim, que jamais admitiu o direito de um filho torcer por outro clube que não fosse o seu glorioso Vasco da Gama, mandou esquentar umas galinhas e comprar refrigerantes para receber o centroavante. Mas Jurema estava desconfiada: achava que o charme de Roberto era para a irmã Cidinha. A desconfiança acabou no dia seguinte, com um bilhete entregue por uma vizinha: Roberto queria encontrá-la.

"Eu era um garotão e me apaixonei por Jurema, uma mulher viúva e com um filho. Foi um desastre na minha vida", resumiu, na época, o maior goleador e ídolo do Vasco de todos os tempos. Aquela paixão à primeira vista era tudo o que ele queria na vida, mas o mundo pareceu desabar sobre sua cabeça. A família Oliveira reagiu de uma maneira bem diferente da família Crispim. Ninguém queria aquele romance. Mas Roberto era bom de briga com a vida. Do contrário, como poderia ter-se transformado de criança franzina e doente, sempre às voltas com complicações nas pernas, em atleta, um jogador forte e corajoso, capaz de enfrentar becões violentos e mal-humorados sem jamais perder o sorriso? Jurema também tinha boa disposição para encarar as paradas difíceis. Resolveram morar juntos, na casa da mãe dela, em São Cristóvão. Já era começo de 1975 e Dinamite não era mais uma promessa, e sim o grande ídolo do Vasco. Por isso mesmo a torcida também resolveu implicar com o amor dos dois.

"Por puro preconceito, as pessoas resolveram ser contra", assustou-se Dinamite. "Diziam que ela não era mulher para mim porque era seis anos mais velha. Tive de enfrentar a barra dentro de casa e com a massa. Alguns gritavam para mim, no fim dos jogos: 'Essa mulher tá te matando'. Eu ficava louco, mas tinha de me segurar. Às vezes, jogando naqueles campos pequenos da Zona Norte, onde você escuta até passarinho, eu ouvia uma voz gritar na multidão: 'Roberto, vê se larga essa mulher'. Aquilo doía."

Mas o cracão segurava as pontas, firme. Duro mesmo foi uma tarde, quando seu pai, José Maia de Oliveira, entrou repentinamente em São Januário para discutir, aos berros, com um irmão de Jurema, que estava vendo o treino do Vasco, que parou, para que o técnico Mário Travaglini e o preparador físico Hélio Vígio segurassem o pai de Roberto, que se lançava, furioso, sobre o rapaz. Foi demais até para o sorridente goleador que, aos 20 anos, já aterrorizava defesas e goleiros. Naquele instante, ele também se sentiu sozinho, e o terror era dele. Voltou para casa, trancou-se no quarto e engoliu os calmantes que Jurema deixava em dois vidros sobre o criado-mudo. "Eu vinha guardando aquela angústia só para mim", contaria anos depois. "E tomei uma dose reforçada de calmante, mas não tinha a intenção de me suicidar, como andaram dizendo. Eu queria dormir uns dois dias seguidos, para me desligar do mundo." Mas foi uma dose exagerada para quem queria apenas dormir: vinte comprimidos de Librium e Gardenal. Jurema encontrou-o quase inconsciente e chamou imediatamente um médico do Vasco. Correram para um hospital. Foram seis horas de terapia intensiva, com lavagens estomacais e medicações para ativar as funções cardíacas e circulatórias. O craque estava salvo e, cinco dias depois, deixaria o hospital.

Jurema começaria a mostrar ali que não era uma mulher comum. Resolveu brigar para garantir o amor dos dois e cercar de segurança o jovem marido, que começava a viver a glória pública de herói da nação vascaína. Ela partiu para ganhar a simpatia de dona Neusa, mãe de Roberto, e de José Antônio e Ana Lúcia, irmãos. Só não ganhou uma parada: o pai de Roberto jamais admitiu o casamento dos dois. Um pouco antes de o marido fazer 30 anos, em abril, Jurema lastimava: "Roberto só não é um homem totalmente feliz por causa desse problema. Ele é introvertido, sofre calado, não reclama, mas eu tenho certeza de que lhe faz falta a figura do pai a seu lado". Mas, naquele começo de 1975, a valente Jurema já conseguiu reunir parte da família Oliveira e os amigos próximos para comemorar os 21 anos de Roberto, numa festa que marca o rompimento emocional dele com o passado de angústias. Foram mais de 100 amigos e Roberto ainda guarda as fotos daquela noite inesquecível.

A vida dos dois melhorou, embora Jurema tenha ficado muito tempo sem ir aos estádios, para não ouvir gracinhas inoportunas. Mas essa é outra briga que ela também acabaria ganhando. Como a torcida do Vasco poderia continuar destilando seu ciúme venenoso em cima daquela mulher que amava o grande ídolo do time mais que qualquer outra coisa do mundo? Como não vibrar com o seu jeito destemido de tratar com os cartolas quando estavam em jogo os interesses de Roberto? Como não se unir à sua vibração quando o artilheiro vascaíno era convocado para a seleção brasileira? Ou como separar-se de sua revolta quando o herói era relegado ao plano comum, dos simples mortais, barrados da seleção?

Jurema Crispim de Oliveira transformou-se, nos doze anos em que amou apaixonadamente Roberto Dinamite, no mais importante mito feminino do machista futebol brasileiro. Como todo mito, inclusive com direito a um vasto e divertido folclore, em que não faltam alusões a seus poderes sobrenaturais, que teriam contribuído para levar Roberto à Copa de 1978, na Argentina, em lugar do machucado Nunes, e à Copa de 1982, na Espanha, em lugar do machucado Careca. Jurema desfazia o folclore com preciso bom humor: "Se eu tivesse este dom, jamais alguém cometeria a injustiça de não convocá-lo". Mas não descuidava do sobrenatural. Quando Roberto voltou da Espanha, desiludido com três meses frustrantes no Barcelona, reencontrou-se gloriosamente com a torcida do Vasco num domingo histórico no Maracanã: fez os cinco gols do Vasco no 5 a 2 contra o Corinthians. Jurema estava lá, já amada pela galera vascaína com uma intensidade próxima da dedicada ao grande ídolo. E avisava: "O Roberto e eu estaremos quarta-feira em Salvador. Eu e meu marido teremos de pagar uma obrigação". E lá se foram os dois para encontrar-se com Menininha do Gantois, que sempre era visitada em momentos importantes da vida de Roberto. Era a cabocla Jurema em ação, como a torcida aprendeu a tratá-la carinhosamente.

E também não descuidava dos toques terrenos. Com o mesmo carinho que a levou a preparar um último suco de laranja para o mari-

Brilho discreto: ele disputou as Copas do Mundo de 1978 *(na foto, contra a Itália)* e 1982, no banco

J. B. SCALCO

do horas antes de morrer, Jurema era capaz de providenciar dezenas de cartas e enviá-las a diferentes locais para animar um desanimado Roberto Dinamite numa distante concentração da seleção brasileira. Como também era capaz de proclamar publicamente sua paixão, pichando a rua em frente à sua casa com a camisa e o nome de Roberto. "Ela era a própria imagem do amor", testemunha o jornalista Dácio de Almeida, amigo pessoal de Roberto e encarregado da cobertura jornalística do Vasco há vinte anos. "Esta morte desfez uma dupla que jogava tudo pelo amor", confirma Eliomário Valente, outro jornalista que vai diariamente ao Vasco. "Ela influenciou muito as mulheres dos jogadores, pois tinha uma fibra que contagiava qualquer pessoa", emociona-se Deise, mulher do zagueiro Ivã, companheiro de Roberto no Vasco. Jurema deixou um exemplo: "Hoje, eu participo, quero discutir, ajudar a defender os direitos de meu marido", diz Deise.

"Esta mulher é fogo", costumava dizer Roberto. Calado e introspectivo, ele admirava o temperamento falante e explosivo de Jurema: "Se ela tivesse casado com Lampião, os dois iriam disputar o mundo com Hitler". Nem mesmo a doença, que se manifestou gravemente há um ano e quatro meses, foi capaz de quebrar-lhe o ânimo. E essa era outra parada dura para qualquer ser humano, pois a irmã mais velha de Jurema morrera exatamente do mesmo mal. Mas, enquanto esperava com calma a sua vez na imensa fila de candidatos do mundo inteiro a uma vaga para o transplante de rim no Brigham Women's Hospital, de Boston, nos Estados Unidos, Jurema não perdeu quase nunca a disposição para incentivar o marido. Nunca permitiu que ele desse mais atenção a ela do que ao Vasco. Exigia que Roberto não se descuidasse dos treinamentos e fazia

DANIEL RAMALHO/VASCO DA GAMA

Personagem colado ao Gigante da Colina: presidente do clube entre 2008 e 2014

questão de mostrar que, brilhando nos campos, ele a ajudava em sua recuperação. Encheu-se de ânimo com a campanha vascaína no último Campeonato Brasileiro e reapareceu no Maracanã, depois de meses de ausência, para ver o Vasco vencer o Grêmio por 3 a 0 e ser derrotado pelo Fluminense por 1 a 0. Na final, com febre, ouviu o segundo jogo Vasco x Fluminense pelo rádio, em casa. Terminado o Campeonato Brasileiro, reapareceu também decidida nos gabinetes dos cartolas do Vasco para discutir mais uma vez o contrato de Roberto, uma renovação que ameaçava transformar-se em novela enquanto ela não entrou nas negociações.

Morreu no coração da torcida: mais de 100 vascaínos ofereceram seus próprios rins para ajudar a salvá-la. Mais de 5 000 pessoas acompanharam seu tumultuado enterro em Caxias, onde não faltaram depredações de sepulturas e a ação de punguistas, que levaram até a carteira de Roberto. O placar eletrônico do Maracanã também mostrou uma homenagem dos futebolistas cariocas no jogo que o time do Vasco foi obrigado a fazer, na quinta-feira, contra o Fluminense: "Jurema, um símbolo, um exemplo", sintetizava. E os próprios jogadores, é claro, também a homenagearam, entrando em fila indiana no gramado para um triste 0 a 0, precedido de um rigoroso minuto de silêncio.

É o silêncio, afinal, que acompanhará a solidão de Roberto nos próximos dias, mesmo que entrecortado pelo choro dos filhos Alexandre, Luciana e Tatiana. Nesses instantes de silêncio, provavelmente ele se pegará muitas vezes repetindo a pergunta que se fez no dia do enterro: "Meu Deus, como isso foi acontecer? O que vai ser de minha vida?". E será certamente no silêncio, tão adequado ao seu temperamento quieto, que Roberto Dinamite vai encontrar a resposta que também já intuía no dia mesmo do enterro, quando eram muitas as vozes que insinuavam o fim do artilheiro para o futebol: "Vou continuar jogando. Jurema nunca aceitaria o contrário", jurava o craque do Vasco. Poderia haver homenagem mais comovedora a uma mulher tão valente? Dinamite acha que não: "Jurema sempre foi muito forte e tenho certeza de que dará a todos nós, que lamentamos sua morte, a força necessária para seguir em frente". ■

O AUGE MÁGICO DA "BARCELUSA"

Um time que apareceu e se desfez de repente segue sendo, mais de dez anos depois, a melhor lembrança dos torcedores da Portuguesa

Leandro Miranda

Pergunte a qualquer torcedor da Portuguesa (eles podem estar rareando, mas sempre aparecem) qual foi a última grande alegria que ele viveu com seu time do coração. A menos que se trate de um lusitano mirim, é certo que a resposta envolverá a Barcelusa. O time que conquistou a Série B do Brasileirão de 2011 com uma campanha impressionante — e, principalmente, um futebol ofensivo e envolvente — protagonizou um semestre mágico, eternizando memórias nos corações rubro-verdes e deixando para o folclore do futebol nacional um de seus apelidos mais carismáticos.

A Portuguesa era uma das favoritas ao acesso, mas ninguém esperava o que aconteceu naquela temporada. A equipe comandada por Jorginho somou incríveis 81 pontos, com 23 vitórias, doze empates e apenas três derrotas. Foi campeã com três rodadas de antecedência, com um ataque avassalador: 82 gols, dezessete à frente do concorrente mais próximo, o Bragantino. É até hoje a segunda melhor campanha da história da competição com vinte clubes, atrás apenas do Corinthians de 2008, que somou 85 pontos.

Em campo, a fluidez do time, com jogadores trocando de posição e dominando os adversários, logo começou a gerar comparações — em grande parte, é claro, com uma pontada de ironia — com o Barcelona, que vivia seu ápice sob o comando de Pep Guardiola e o brilho de Lionel Messi. Até mesmo os jogadores da Barcelusa ganharam apelidos que remetiam aos craques do time espanhol: o driblador Ananias era o "Ananiesta", o armador Marco An-

O time campeão da Série B de 2011: 23 vitórias, doze empates e apenas três derrotas

MIGUEL SCHINCARIOL

tônio virou "Xavi Antônio" e o artilheiro Edno, como não poderia deixar de ser, tornou-se "Lionedno".

Da mesma forma que a ascensão foi meteórica, a queda também foi abrupta. No Paulistão de 2012, não eram poucos os que apostavam que a Portuguesa tiraria um dos quatro grandes das semifinais. O que aconteceu foi o oposto: já sem Marco Antônio, que foi para o Grêmio, e Edno, vendido ao Tigres, do México, o time acabou rebaixado. Foi o início inesperado de um calvário que, para o torcedor da Lusa, ainda não acabou. ■

GIULIANO BEVILACQUA

A inspiração da Europa

Enquanto a Portuguesa atropelava adversários na Série B, o Barcelona fazia o mesmo em torneios muito mais glamorosos, como a Liga dos Campeões, e nos clássicos com o Real Madrid, na Espanha. Em 2011, o time catalão havia acabado de vencer a Champions pela segunda vez sob o comando de **Guardiola** e **Messi.** Reinava absoluto no futebol. No fim do ano, goleou o Santos de Neymar por 4 a 0 para se tornar campeão mundial. Não à toa os torcedores da Lusa gostaram tanto do apelido do time.

LEONARDO BENASSATTO/GETTY IMAGES

Um adeus trágico

Um dos jogadores de maior destaque da campanha, o meia-atacante **Ananias** nunca mais conseguiu repetir o nível daquela temporada. Teve passagens ruins por Cruzeiro e Palmeiras, mas voltou a jogar bem em 2015, com a camisa da Chapecoense. A retomada na carreira, porém, teve um fim devastador: o "Ananiesta" estava no voo da equipe catarinense que caiu na Colômbia em 28 de novembro de 2016, rumo à final da Copa Sul-Americana. Ele foi uma das 71 pessoas que morreram no desastre.

Qual é o fundo do poço?

O título da Série B de 2011 foi a última grande glória da Portuguesa. O time já vinha com problemas financeiros e as coisas desandaram de vez com os rebaixamentos no Paulista de 2012 e, principalmente, no Brasileiro de 2013, quando a equipe caiu no **"tapetão"** por escalar de forma irregular o meia Héverton, após longa batalha jurídica no STJD. Desde então, a situação do clube virou uma bola de neve de dívidas, decepções e novas quedas. Hoje, a Lusa não joga sequer a Série D do Brasileiro.

LEVI BIANCO/GETTY IMAGES

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Onde estão?

O jogador daquele time que mais vingou, sem dúvida, foi **Weverton.** Depois da Barcelusa, o goleirão brilhou no Athletico Paranaense, virou ídolo do Palmeiras e esteve na Copa do Mundo de 2022. Já a prata da casa Guilherme, volante considerado a revelação daquela Série B, passou por Corinthians, Udinese, La Coruña e Olympiacos. Outro nome que rodou por grandes do futebol brasileiro foi o lateral-direito Luís Ricardo, que retornou à Lusa em 2022, aos 38 anos.

A CANARINHO PELAS TABELAS

Até a CBF se manifestou contra o uso ideológico da camisa amarela da seleção pelos terroristas que tomaram Brasília. Mas convém passear pela travessia do manto para saber que nem sempre foi assim

Em janeiro, um dia depois dos atos terroristas de simpatizantes radicais de Jair Bolsonaro, ao invadir e depredar as instalações na Praça dos Três Poderes, a CBF foi às redes sociais para oferecer sua opinião em torno do evento e do que se viu: "A camisa da seleção brasileira é um símbolo da alegria de nosso povo. É para torcer, vibrar e amar o país. A CBF é uma entidade apartidária e democrática. Estimulamos que a camisa seja usada para unir e não para separar os brasileiros. A entidade repudia veementemente que a nossa camisa seja usada em atos antidemocráticos e vandalismo". A postura da CBF — que raras vezes se posiciona em temas políticos — é senha para caminhar em torno da história da canarinho. Nem sempre, e ainda bem, ela teve o tom excludente de agora.

"Ando com minha cabeça já pelas tabelas / claro que ninguém se toca com minha aflição / quando vi todo mundo na rua de blusa amarela / eu achei que era ela puxando o cordão / oito horas e danço de blusa amarela / minha cabeça talvez faça as pazes assim / quando ouvi a cidade de noite batendo as panelas / eu pensei que era ela voltando pra... minha cabeça de noite batendo panelas." Houve um tempo, em 1984, quando Chico Buarque compôs *Pelas Tabelas,* que vestir amarelo era coisa de gente que gritava pelo fim definitivo do regime militar. O samba-canção dança em torno da cor que simbolizou a campanha pelas Diretas Já. A emenda constitucional que a propunha, contudo, foi derrotada no Congresso, numa noite amargamente histórica em que centenas de milhares de brasileiros saíram às ruas de camisa amarela — algumas especialmente estampadas para a oportunidade, embora houvesse também exemplares da seleção, ainda feitos de algodão — para chorar a derrota em Brasília. Mas o processo de abertura não podia ser contido, e no ano seguinte o Colégio Eleitoral escolheria o mineiro Tancredo Neves como presidente da República, que subiria a rampa dentro de um caixão.

O locutor esportivo Osmar Santos, um dos símbolos daquela travessia, faria a metáfora inevitável com o futebol. Assim:

"A campanha das Diretas Já começou pequena, delicada, com a sutileza das ideias. E se transformou num oceano, num mar de gente espalhado pelas praças do país afora. A sensação de estar diante de um milhão de pessoas unidas pelo mesmo objetivo é indescritível. E significou a maior emoção de minha vida. Como se estivesse gritando gol um milhão de vezes, gol do meu povo, de minha gente. E que gooooooooool". Até Pelé vestiu um uniforme da campanha em capa da PLACAR.

Mas o que aconteceu, de lá para cá, de modo a fazer o fulvo mudar de lado ideológico? A casaca começou a virar nas manifestações de junho de 2013, a grita no avesso de tudo. Os brasileiros foram à rua contra a presidente Dilma Rousseff, mas também contra o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, o prefeito Fernando Haddad, contra políticos de todos os partidos, à esquerda e à direita. "Vem pra rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil", trecho de uma letra do grupo O Rappa, ecoou no asfalto — era mês da Copa das Confederações, que tradicionalmente serve de prólogo para a Copa do Mundo, que o Brasil receberia no ano seguinte. "Não vai ter Copa", ouvia-se pelo país inteiro — e como a Copa estava ali na esquina, houve quem protestasse com a canarinho. O comportamento pegou, até desembocar em Bolsonaro e no bolsonarismo. O discurso de "minha bandeira não será vermelha" colou — e então a amarela da seleção se transformou em ícone de um lado, antagonista do outro.

O puxa daqui, puxa dali, para saber quem é dono da camisa, continuará. Boa parte das excêntricas e mercuriais pessoas que ensaiaram um golpe antidemocrático em Brasília — como anotou a CBF — ostenta a camisa da seleção, e não por acaso, no ano passado, o braço brasileiro da fabricante da camisa pôs um mar de exemplares azuis no mercado, em quantidade muito maior do que em anos anteriores. É uma pena o embate prosseguir. Vale seguir a CBF: "A camisa da seleção brasileira é um símbolo da alegria de nosso povo". Uma saída heterodoxa, como foi aventada, inexiste: trocar a cor. Contudo, ainda neste ano, a seleção jogará pela primeira vez de verde, em Manaus, em defesa da Floresta Amazônica. É gesto passageiro, que nada resolverá, infelizmente ■

Os ataques golpistas de 8 de janeiro em Brasília: uniforme oficial dos antidemocráticos

SERGIO LIMA/AFP

CINQUENTA ANOS DAQUELA ESTICA

Para celebrar a entrega da Bola de Prata aos melhores do Brasileirão de 1972, PLACAR e a TV Tupi fizeram um grande "jantar com as estrelas" no *Clube dos Artistas*, apresentado por Aírton Rodrigues

Graças ao sucesso do primeiro Campeonato Nacional de Clubes, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) incluiu outros seis participantes na segunda edição, em 1972, além dos vinte originais: um segundo clube baiano e representantes de Alagoas, Amazonas, Pará, Rio Grande do Norte e Sergipe. Na fase inicial, jogavam todos contra todos, em turno único. Havia dois grupos com seis integrantes e outros dois com sete. Os quatro melhores seguiam em frente — e voltavam a ser divididos em chaves, agora com quatro em cada uma, jogando entre eles, também em turno único.

O Inter, vencedor do Grupo 1, disputou a semifinal contra o Palmeiras, campeão do Grupo 2. Por ter conquistado 1 ponto a mais até então, o Verdão mandou o jogo no Pacaembu e se classificou após um empate em 1 a 1. Corinthians e Botafogo, líderes dos Grupos 3 e 4, se enfrentaram no Maracanã pela outra vaga na decisão, e o alvinegro carioca venceu o Timão por 2 a 1. Na grande final, mais uma vez o alviverde paulista contou com a vantagem da melhor campanha e, atuando no Morumbi, garantiu a taça com o 0 a 0 no marcador.

A exemplo do que ocorrera no ano anterior, a equipe de PLACAR atribuía notas a cada jogador em todas as partidas disputadas, de modo a eleger a seleção do campeonato. Os onze melhores levavam para casa a cobiçada Bola de Prata. A nostálgica foto ao lado mostra o melhor em cada posição. Na sexta-feira 12 de janeiro de 1973, o prestigiadíssimo programa *Clube dos Artistas,* apresentado por Aírton Rodrigues na TV Tupi, foi o palco para um "jantar com as estrelas" coroado com a entrega dos troféus. "O primeiro trabalho foi reunir o pessoal", publicou a revista. "Leão vinha de Mangaratiba, no Rio, onde passava férias; Figueroa viajou sem a família, que ficou em Montevidéu; Zé Roberto deixou a mulher na maternidade, em Curitiba; Alberi veio de Natal com a esposa; Paulo Cezar largou as transas do Rio; Marinho estava tão enrolado que até perdeu o avião de volta; Osni chegou de Salvador para rever sua terra natal; Beto desembarcou de Porto Alegre mostrando um terno avançadíssimo; Piazza representou o futebol mineiro; Ademir da Guia e Aranha já estavam em São Paulo."

A festa havia começado na sede da Editora Abril, onde o diretor e editor Victor Civita recepcionou os craques — inclusive Pelé, que era considerado *hors-concours* pela revista. Na TV, um supertime de cantoras foi escalado para a entrega dos prêmios: Emilinha Borba, Wanderléa, Elizabeth, Cláudia Barroso, Martinha e Joelma, Ângela Maria, Rosemary, Cláudia, Adriana, Maria Creuza e a dupla Evinha e Nalva Aguiar. Admirar a imagem dos onze boleiros é uma viagem, em vários sentidos. Hoje, é no mínimo curioso imaginar que

JOÃO CARLOS ALVAREZ

Os onze eleitos pela redação: além do bom futebol, destaque para as camisas estampadas e as calças boca de sino

aquele escrete conte com Aranha, lateral-direito do Remo; Osni, ponta do Vitória; e Alberi, centroavante do ABC — três times que foram eliminados ainda na primeira fase do Campeonato.

Aranha, Marinho, Figueroa, Beto, Leão e Piazza, Osni, Alberi, Zé Roberto, Ademir e Paulo César.

Salta aos olhos, também, a estica dos craques, como se dizia nos anos 1970. Paulo Cezar, que ficaria mais conhecido como Caju e hoje é colunista de PLACAR, estava com uma impecável "beca branca", com direito a calça com boca de sino (assim como Osni e Zé Roberto). Impossível não reparar nas estampas das camisas de Aranha, Marinho (na época apresentado sem o Chagas), Figueroa e até do discreto Ademir da Guia — além da gravata de Leão. Ele, Piazza e Caju tinham estado na conquista do tricampeonato mundial, em 1970, no México, e voltaram a representar o Brasil na Copa de 1974, na Alemanha, ao lado de Marinho Chagas e Ademir da Guia. A Bola de Prata era, enfim, uma medida de futuras seleções. Os grandes craques atuavam nos times daqui, o nosso futebol era temido e a torcida se identificava com os ídolos, que eram muito mais próximos e acessíveis. Eis o que revela o registro histórico. ■

NICOLE MINGORANCI/GAZETA PRESS

Disputa de bola em partida de 1933 entre alvinegros e tricolores: o primeiro embate entre as duas agremiações foi em 1930

UM CHUTE NOS LUGARES-COMUNS

Minucioso levantamento sobre o clássico Majestoso mostra por que o Corinthians não é apenas o "time do povo" e o São Paulo, o "time da elite". Há nuances entre as duas afirmações

O futebol só tem graça por não estar restrito às quatro linhas. É esporte, sem dúvida, mas é também retrato das sociedades — atalho para entendermos o cotidiano de qualquer país no qual a bola role com prazer. O livro *Majestoso — A Histórica Rivalidade entre Corinthians e São Paulo*, do jornalista Gabriel

Cardoso Pereira Gama, lançado pela Editora Kotter, é um apaixonado e minucioso relato do clássico paulistano. Mergulha, com originalidade, no embate entre o "time da elite" e o "time do povo" — e tem a inteligência de desmontar os lugares-comuns. Leia, a seguir, trechos do livro.

* * *

O São Paulo Futebol Clube, herdeiro da estrutura de dois clubes tradicionais, Associação Atlética das Palmeiras e Club Athletico Paulistano, atrairia, também, como torcedores, os admiradores de futebol que antes torciam pelas agremiações formadas pela elite paulista, as quais, porém, deixaram de atuar no futebol após a profissionalização desse esporte.

Com tal movimento, os torcedores dos times rivais passaram a perceber os torcedores do novo clube como integrantes da elite paulista. Na época em que a agremiação adquiriu o terreno para a construção de seu atual estádio, nos anos 1950, o bairro do Morumbi era uma região pouco habitada.

No entanto, com o crescimento da cidade, transformou-se em uma área de luxuosas residências e prédios que, no jargão imobiliário, são classificados como de alto padrão. Além das luxuosas residências, o Morumbi é onde se localiza o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista.

O São Paulo não pode ser considerado apenas como um "clube de elite" porque desde seu início demonstrou ser democrático, pois aceitava de modo irrestrito jogadores de qualquer etnia, classe social ou origem. Outro motivo para o São Paulo não ser chamado de clube de elite foi ter ganhado, em 1940, um concurso público aberto a todos os torcedores pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) e ser considerado o Clube Mais Querido da Cidade — teve ao todo 5 523 votos, enquanto o Corinthians alcançou 2 671 e o Palestra Itália, atual Palmeiras, 2 593 votos. Hoje em dia o São Paulo tem a terceira maior torcida do Brasil, ou seja, é, de fato, um clube popular.

O alfaiate Miguel Battaglia, eleito primeiro presidente da história do Corinthians em sua pioneira reunião afirmou: "O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time".

Majestoso — A Histórica Rivalidade entre Corinthians e São Paulo, de Gabriel Cardoso Pereira Gama (Kotter, 120 págs., 44,70 reais)

Quem seria o povo? Escreve João Paulo França Streapco: "O Corinthians não foi o único time adotado pelas comunidades pobres, mas, por ser o maior time da cidade sem vínculo direto com a comunidade ítalo-paulista ou o consulado italiano, além de, por algum tempo, ter contado com dirigentes de origem espanhola, ou de origem suíça, que gozavam da simpatia dos filhos de outras comunidades imigrantes que não lograram construir uma equipe de colônia e possuir uma identidade de clube de operários, conseguiu estabelecer uma identificação mais fácil com essas parcelas da população".

Segundo o historiador Hilário Franco Júnior, no seu *Dando Tratos à Bola:* "Com o Corinthians e seus 25 milhões de torcedores, a multiplicidade de origem é muito clara, o que ajuda a explicar a sua popularidade. Clube de imigrantes — italianos, espanhóis, portugueses, alemães, judeus, sírios, libaneses, árabes, turcos —, ele é mestiço como o país. Pela inércia da transmissão do sentimento clubístico, ainda hoje os descendentes daqueles segmentos sociais, perfeitamente abrasileirados e integrados, continuam de forma geral a seguir o clube. Quando na década de 1930 começou uma forte imigração de nordestinos em busca de emprego na indústria e na construção civil paulistas, a tendência foi aqueles indivíduos socialmente inferiorizados e culturalmente desenraizados identificarem-se com outros na mesma situação, apesar de origens bem diferentes, e assim foi natural sua adesão ao Corinthians.

(...) A composição social muito variada da torcida corintiana reflete-se também na sua cultura. Como o conjunto de torcedores é bastante vasto, muitos são os intelectuais, os cientistas, os artistas, os jornalistas, os empresários e os profissionais liberais que torcem pelo time.

(...) As crises cíclicas na história do clube (algumas vezes flertando com a ilegalidade) não devem, porém, ser reduzidas a uma questão de presidentes. Com efeito, o que constitui a força e a fraqueza do Corinthians é a popularidade. (...) É consensual que, em quase todo assunto, as generalizações são problemáticas, mas não se pode dei-

xar de reconhecer que, sob os exageros e as deformações, elas escondem algumas verdades. No caso do Corinthians, comunidade com milhões de participantes, as exceções a qualquer regra são numerosas, sem anular, contudo, as características essenciais do conjunto — a popularidade pela mediocridade e a impunidade pela popularidade.

(...) Como se sabe, a palavra 'mediocridade' designa, em todos os idiomas ocidentais, uma condição entre o mediano (acepção literal) e o insuficiente (acepção figurada). Assim, é a facilidade, a banalidade, a qualidade inferior acessível a um maior número de pessoas que tornam populares as coisas medíocres, seja a literatura de best-sellers, seja a música de fórmulas comerciais, certos programas de televisão ou o discurso de muitos políticos. Enquanto fenômeno sociocultural, o Corinthians é uma ilustração dessas considerações, mesmo se no plano esportivo ele se encontra claramente acima da média. Mas — e isso é muito significativo — porque o Corinthians 'não é um time que tem torcida, é torcida que tem um time', como gostam de dizer seus torcedores, ele sempre foi historicamente medíocre, mesmo quando vencedor. À imagem e semelhança da torcida, o time raramente privilegia um jogo habilidoso e estético, e sim raçudo e astucioso".

* * *

Em um texto esclarecedor, o site Ludopédio (ludopedio.com.br) se debruça sobre essa expressão, "o time do povo". Depois de sublinhar que não se trata de um "conceito" que diga respeito somente ao esporte no Brasil, analisa: "O futebol traz consigo a dualidade entre time de elite e times de classes menos favorecidas financeiramente, o que antes era os times de clube social *versus* times de fábrica, trabalhadores, imigrantes, hoje pode ser visto em rivalidades no mundo todo, clássicos que trazem consigo marcantes oposições sociais, River Plate x Boca Juniors na Argentina e muitos outros passíveis de citação. O que importa aqui não é uma investigação histórica se há de fato uma distinção apropriada em tais construções, seria uma empreitada cansativa que não caberia no presente espaço. A questão que é chamada à atenção aqui é que, independente de tais origens, alguns clubes constroem sua identidade em torno de sua origem operária ou o inverso, e algumas que não se relacionam diretamente a ela.

A Gazeta Esportiva
636
A GAZETA
S. Paulo, 24 de Abril de 1939
ANTES DA TEMPESTADE...

O arbitro, os capitães, os "bandeirinhas" e o diretor tecnico da Liga no momento do sorteio para a escolha do campo ... antes do temporal que truncou lamentavelmente a partida de ontem no Parque S. Jorge, desiludindo o grande publico que abarrotou o estadio.

REPRODUÇÃO/A GAZETA

Capa de jornal de 1939: no ano em que começaria a II Guerra, o clima foi bélico no Parque São Jorge

(...) Desta maneira, a presente reflexão não se interessa pelo fato de, por exemplo, o Corinthians ser um time originalmente do 'povo'e o São Paulo ser um time de 'elite', cabe aqui compreender que os alvinegros usam tal noção em sua construção identitária e o tricolor paulista da mesma forma.

(...) Os 'times do povo' continuarão a existir mesmo que o 'povo' seja expulso dos estádios. Quer dizer, os times continuarão usando o slogan mesmo que se distanciem dos mais pobres. Afinal, quem tomou a Bastilha foi o povo. Mesmo o evento contendo grupos sociais diversos e mesmo que os participantes não tenham sido a maioria da população parisiense, o povo foi quem tomou a Bastilha. Povo é algo mutável e de utilizações diversas. Quando se fala 'time do povo', quem o utiliza sabe do apelo que a expressão tem. Mas por conta da maleabilidade do termo povo, cuidado! Times que usam o slogan podem não necessariamente valorizar os torcedores 'populares' e quem não se vê como 'time do povo' hoje pode utilizar a expressão amanhã".

O alerta é providencial, sobretudo considerando aspectos igualmente mutáveis como o desempenho dos escretes em competições de peso, especialmente nacionais — o que pode levar um clube "de elite", em todos os sentidos do termo, a cair para divisões inferiores e, dessa maneira, estar sujeito a abalos no âmbito do engajamento de torcedores, patrocinadores etc. O contrário, por sua vez, também é verdadeiro — em algum momento, o "povo", ou seja, a agremiação que, em tese, o representa, pode, de fato, "chegar ao poder", digamos desse modo, alterando todo o equilíbrio de forças antes existentes, com distintas consequências. ■

O OXENTE-PORTENHO: A MISTURA QUE DEU CERTO!

Líder do grupo na Copa do Nordeste, classificado para a semifinal do Campeonato Cearense e mais uma vez na disputa da Libertadores da América. O Fortaleza é hoje um clube de ponta no futebol brasileiro. Um dos mais estruturados da região. Com um bom CT, o Pici, e um bom time fruto de uma base e de um sistema de jogo que encaixou perfeitamente. Este é o legado do argentino Juan Pablo Vojvoda, um desconhecido do futebol brasileiro até meados de 2021, quando chegou ao tricolor.

Antes, no futebol chileno, ele já havia classificado o Union La Calera, pela primeira vez, pra disputar uma Libertadores, mas mesmo assim decidiu deixar o clube ao final da temporada. "Fiquei dois ou três meses sem trabalhar ativamente, então apareceu essa possibilidade do Fortaleza e acertamos. Conhecer o futebol, a cultura brasileira, conhece o futebol brasileiro como os Campeonatos Estaduais, a Copa Nordeste, a Copa Brasil, a importância de cada um, qual a importância que o torcedor brasileiro dá aos estaduais e eu comprovei que era muito importante internamente. Talvez não tem tanta repercussão fora do país, mas quando estamos aqui o estadual é muito importante. Foi esse conhecimento que para mim foi um aprendizado por esses dois anos que estou no Fortaleza".

E nesses dois anos, Vojvoda viveu momentos de extrema felicidade e uma situação difícil. Com o argentino, o Tricolor conquistou o Cearense com praticamente 20 dias de sua chegada, foi à semifinal da Copa do Brasil e em seguida ficou em quarto lugar no Brasileirão, classificação que levou o clube a disputar sua primeira Libertadores. No ano passado o Hermano continuou na mesma pisada: Foi mais uma vez Campeão Cearense e conquistou também a Copa do Nordeste, mas o time penou no Brasileiro e chegou a ser lanterna da competição. O apoio que recebeu nesse momento fez com que Vojvoda, mesmo com interesse de Vasco, Atlético/MG e Corinthians, decidisse renovar o contrato com o Fortaleza e assinar até dezembro do ano que vem. "Encontramos uma estrutura por trás que nos respaldou a todo momento. O primeiro ano foi um ano maravilhoso, porque conseguimos coisas importantes. O segundo ano jogamos pela primeira vez a Libertadores, chegamos às oitavas, o Brasileirão não começamos bem. E esse foi o momento que o clube todo confio no trabalho que estávamos fazendo e isso é algo para se destacar. O digo com muita responsabilidade, passado isso: Eu senti esse apoio no momento complicado e nós necessitávamos naquele momento".

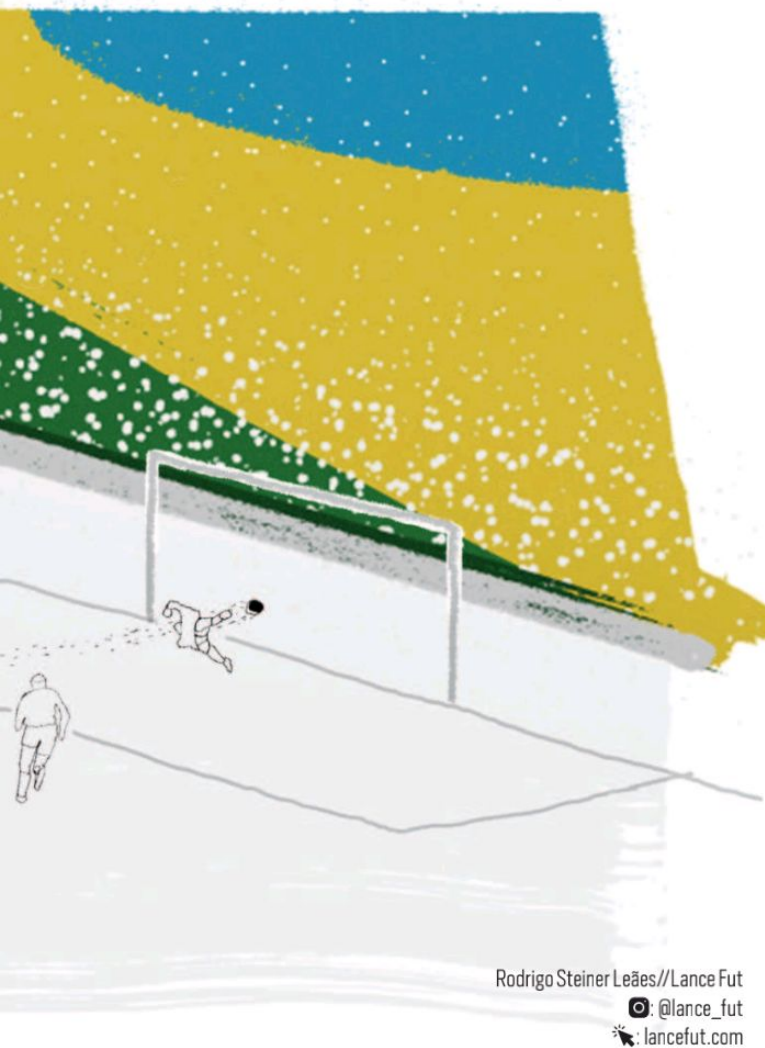
Aclimatado e feliz em Fortaleza, o ex-zagueiro do Newell's Old Boys da Argentina não se cansa de destacar a paixão do Nordestino pelo futebol. "Você pode comprar uma estrutura, jogadores, pode comprar tudo, mas uma paixão você não pode comprar. Vamos comprar torcedores... Isso é muito difícil. E aí isso já temos e eu acho que é o mais importante. Se você tem a paixão que temos aqui e em todo Nordeste, se temos isso, precisamos cuidar. Porque é o mais importante e isso não se compra".

O DIA DA COROAÇÃO

Eis o magistral gol de Pelé na final contra a Suécia, a obra-prima que só melhora com o passar dos anos

Gabriel Pillar Grossi

Tarde de 29 de junho de 1958. Segundo os registros oficiais, exatos 49 737 espectadores lotavam o Estádio Rasunda, em Solna (cidade que hoje fica na região metropolitana de Estocolmo, a capital da Suécia). Na sexta edição da Copa do Mundo de futebol, o Brasil chegava à sua segunda final. Na primeira, em 1950, havia perdido para o Uruguai diante de mais de 200 000 pessoas totalmente espremidas no Mário Filho, no famoso Maracanazo. Os suecos, fazendo valer a força de sua torcida, eram os quartos “donos da casa” a chegar à decisão.

Hoje, é relativamente comum afirmar que o time de Djalma Santos, Bellini e Didi era favorito. Mas nunca é demais lembrar que o trauma de oito anos antes fazia com que muitos brasileiros acreditassem que nosso país jamais conseguiria ocupar o degrau mais alto do pódio. Na época, as transmissões chegavam apenas pelas ondas do rádio — e os narradores eram famosos por florear os lances, sempre tentando amplificar a emoção.

Rodrigo Steiner Leães//Lance Fut
: @lance_fut
: lancefut.com

Hoje, é possível ver no YouTube os noventa minutos daquele embate fabuloso (para muitos, uma das melhores finais de Copa, equiparável à de 1970 e, quem sabe, à disputada por argentinos e franceses no Catar em dezembro passado). As imagens são em preto e branco e algumas cenas têm mais de um ângulo de câmera.

A Suécia entrou em campo com seu uniforme número 1: camisa amarela e calção azul. E o Brasil teve de jogar de azul e branco. Logo aos quatro minutos os suecos abriram o placar. Apenas cinco minutos depois, Garrincha (que jogou muito e saiu sem marcar nenhum gol, "só" chutou duas bolas no travessão) driblou pela direita e cruzou rasteiro na área. Vavá não perdoou e empatou. Aos 32, numa espécie de replay da jogada, veio a virada brasileira. No intervalo, 2 a 1 para nós.

Aos dez minutos do segundo tempo, o estádio parou para o lance inesquecível, um gol antológico, como nunca se tinha visto até então. Nilton Santos, da meia-esquerda, alçou a bola na grande área. Pelé matou no peito, deu um chapéu em Gustavsson e, sem deixar a pelota cair, chutou de direita no canto de Svensson, sem defesa. Era a quinta vez que ele anotava na competição. Na sequência, Zagallo fez 4 a 1, a Suécia descontou e, no último minuto, o camisa 10 voltou a marcar, de cabeça. Caiu machucado e o juiz apontou para o centro do campo. O Brasil trazia a taça Jules Rimet para casa pela primeira vez.

Os fatos e os números, revisitados hoje, são todos superlativos. Pelé chegou à Suécia com 17 anos e 7 meses. Ficou fora dos três jogos da fase de grupos. Na estreia, nas quartas de final, marcou um golaço que garantiu a vitória sobre o País de Gales. Depois, na semifinal, balançou as redes da França uma, duas, três vezes. Até hoje ele é o mais jovem a disputar uma final de Copa e o único jogador tricampeão do mundo.

O garoto explodiu em lágrimas, abraçado por veteranos companheiros do Santos, como Gilmar e Zito. Os craques brasileiros deram a volta olímpica com a bandeira da Suécia. No dia seguinte, a imprensa francesa celebrou o Rei do Futebol (Nelson Rodrigues já o havia chamado assim um ano antes, mas a coroação veio naquela tarde). O maior de todos os tempos estava só começando a brilhar. O Rasunda foi demolido em 2012, era uma construção de humanos que não poderia resistir ao tempo. A joia de Pelé, o maior gol em Copas, nunca será apagada. Ver e rever o gol é uma ode ao que a civilização é capaz de fazer. ■

PAULO CEZAR CAJU

MODÉSTIA À PARTE, O VINICIUS JR. LEMBRA O MEU TEMPO DE JOGADOR

Neymar, enfim, aos 31 anos parece estar amadurecendo – mas bem que ele poderia se inspirar no atacante do Real Madrid, que faz mais tabelas e se desloca sem a bola para confundir os adversários com a sua agilidade

"Já bati muito no camisa 10 da seleção e ainda acho que ele precisa se inspirar em nomes como Messi e Cristiano Ronaldo para não se machucar tanto"

Aproveitei o feriado do Carnaval, em fevereiro, para ver os jogos na televisão, longe do tumulto provocado pelos blocos do Rio de Janeiro. Por falar em Carnaval, achei injustas as críticas ao Neymar por mais uma contusão e logo a associarem à folia. Já bati muito no camisa 10 da seleção e ainda acho que ele precisa se inspirar em nomes como Messi e Cristiano Ronaldo para não se machucar tanto, mas confesso que gostei muito da postura dele ao bater o pé para ficar no PSG e nem querer ouvir qualquer proposta do Chelsea — ao menos até o momento em que escrevo esta coluna. Aos 31 anos, parece enfim estar amadurecendo!

Sobre as lesões, com a experiência que tem, deveria soltar mais a bola e jogar de forma inteligente para evitar as infinitas pancadas. O Vinicius Jr., por exemplo, tem um estilo de jogo parecido com o do Neymar, mas dá para notar que ele faz muito mais tabelas, se desloca sem a bola e confunde os adversários com a sua agilidade. Lembro que muita gente dizia que o garoto não iria longe e agora está aí calando todos os críticos. É nítida a evolução dele nesses primeiros anos de Europa, concluindo melhor a gol, tomando decisões mais inteligentes e sendo extremamente produtivo no Real Madrid, como vimos na goleada contra o Liverpool, na Inglaterra, por 5 a 2. Modéstia à parte, o atacante do Real Madrid lembra o meu tempo de jogador e, antes que falem qualquer gracinha, não sou o único a falar isso! Tenho gostado demais da ousadia do menino e espero que faça o mesmo na seleção.

Por falar na amarelinha, pela primeira vez aplaudi de pé uma decisão dos dirigentes, ao colocarem o Ramon Menezes como interino no cargo de treinador. Foi um craque dentro de campo, proporciona um estilo de jogo coletivo ao time e pode somar muito ao grupo. Posso estar enganado, mas na minha visão o Ancelotti deve ser anunciado em breve! Vamos aguardar! "Mas, PC, não acha que estão demorando muito para anunciar o novo técnico?", indagou um amigo. Prefiro que seja uma decisão demorada e pensada a que coloquem outro qualquer lá para um cargo tão importante! Não estão vendo o que está acontecendo com o Flamengo? Já foi o Abel Braga, Jorge Jesus, Domènec, Rogério Ceni, Renato Gaúcho, Paulo Sousa e agora quiseram trocar o Dorival Jr. para sofrer com o Vítor Pereira. Apesar de não achar que seja só culpa do português, até porque o time já está desgastado, é cheio de veteranos, acho sim que a troca foi extremamente prejudicial. Um treinador novo não conhece bem os jogadores, traz um estilo de jogo diferente e sabemos que no Brasil é tudo para ontem. Caso as vitórias não apareçam urgentemente, os dirigentes já vão em busca de outro — se já não estiverem com conversas avançadas. ■

PETER POWELL/EFE

O camisa 20 merengue no 5 a 2 contra o Liverpool: tem alguém melhor hoje?

SAVE THE DATE

MARVEL

S.T.O.R.E

EM BREVE 2023

PARQUE D. PEDRO SHOPPING - CAMPINAS

BY GRUPO DREAM

LOJASDREAM.COM